

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**A Essência da Comunidade –
Importância da Avaliação da Percepção do Sentido
Psicológico de Comunidade em Comunidades Geográficas**

Ana Raquel Roque da Glória

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/
Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2010

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**A Essência da Comunidade –
Importância da Avaliação da Percepção do Sentido
Psicológico de Comunidade em Comunidades Geográficas**

Ana Raquel Roque da Glória

Tese orientada pelo Professor Doutor Wolfgang Rüdiger Lind

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/
Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2010

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Wolfgang Lind, pela orientação, apoio e preocupação para que este trabalho fosse do meu agrado e, principalmente, pela sua constante disponibilidade.

À Livraria italiana e à Mariana Colaço, pela ajuda imprescindível na tradução da escala.

À Belizanda Lousada, pela atenta e cuidada revisão do português.

À Marta Castela, pela ajuda na tradução do resumo, pela amizade crescente e pelas longas horas passadas na biblioteca.

À minha família, pela ajuda na recolha dos dados; ao meu pai, pela revisão crítica do português deste trabalho.

Aos meus amigos da minha Comunidade Geográfica, pelo apoio e pela amizade de longos anos, principalmente à Maria Ana, grande amiga, que ajudou a que este trabalho chegasse ao fim.

Às minhas colegas de mestrado por me incentivarem neste trabalho, pelas ideias e pelo esclarecimento mútuo de dúvidas.

Aos meus amigos das minhas Comunidades de Interesse – Faculdade e Teatro, pelo apoio, pelos momentos imprescindíveis de descanso, pela resposta aos questionários, pelo incentivo e troca de ideias.

Resumo

O presente estudo centra-se na tradução e validação de um instrumento de avaliação de Sentido Psicológico de Comunidade – a *Multidimensional Territorial Sense of Community Scale* (MTSOCS, Prezda, Pacilli, Barbaranelli & Zampatti, 2009) para a população portuguesa. Escolheu-se esta escala por ser multidimensional, tal como o constructo de Sentido Psicológico de Comunidade elaborado por McMillan e Chavis (1986), e por ser específica de Comunidades Geográficas. Realizada a tradução, foram administradas a 211 participantes adultos residentes em Portugal, a escala em estudo, um questionário sócio-demográfico, outra escala de Sentido de Comunidade: a *Escala Breve de Sentido de Comunidade* (EBSC, Peterson, Speer & McMillan, 2008; versão adaptada por Marante & Lind, no prelo) e a *Escala de Importância de Comunidade* (elaborado por Gonçalves, Lind & Moreira). Foi, assim, avaliada a consistência interna, a validade de construto e a validade externa, e algumas relações com as variáveis sócio-demográficas e a *Importância de Comunidade*, tendo-se verificado que as propriedades psicométricas encontradas atestam a qualidade do instrumento. A análise factorial permitiu a extracção de apenas três dimensões, ao contrário das cinco encontradas no estudo original – *Satisfação de Necessidades*, *Companheirismo* e *Interdependência*. A correlação positiva entre as duas escalas de Sentido de Comunidade permitiu validar externamente a escala em estudo. Foram, ainda, encontradas correlações positivas e significativas entre o *Sentido Psicológico de Comunidade* e as seguintes variáveis: *Importância de Comunidade*, *Sempre ter residido no mesmo bairro*, *Tempo de residência*, *Nível de Escolaridade*, *Nível Profissional* e *Número de Actividades realizadas no bairro de residência*. Implicações práticas e futuras investigações, são discutidas.

Palavras-chave: *Sentido Psicológico de Comunidade*, *Importância de Comunidade*, *Variáveis Sócio-demográficas*.

Abstract

The Heart of the Community – The importance of the Evaluation of Perceived Psychological Sense of Community in Geographical Communities

The aim of this study was the translation and validation of an assessment instrument concerning the Psychological Sense of Community – a *Multidimensional Territorial Sense of Community Scale* (MTSOCS, Prezza, Pacilli, Barbaranelli & Zampatti, 2009) for the Portuguese population. This scale was chosen because of its multidimensional aspect and the construct of Psychological Sense of Community, which was elaborated by McMillan e Chavis (1986), and due to its specificity to Geographical Communities. Once the translation was completed, the MTSOCS, a socio-demographic questionnaire, another scale on sense of community – *Brief Scale of Sense of Community* (Peterson, Speer & McMillan, 2008; version adapted by Marante & Lind, in press) and the *Importance of Community Scale* (elaborated by Gonçalves, Lind & Moreira) were applied to 211 adult participants living in Portugal. Therefore, the internal consistency, the construct validity, the external validity and some of the relations with the socio-demographical variables and the *Importance of Community* were evaluated leading to the validation of the quality of the psychometric properties of this instrument. Contrary to the original study, that counted five dimensions, the factorial analysis only allowed the extraction of three dimensions - *Fulfilment of Needs*, *Fellowship* and *Interdependence*. The positive correlation between the two scales of Sense of Community allowed the external validation of the scale in study. In addition, positive and meaningful correlations were found between the *Perception of Psychological Sense of Community* and the following variables: *Importance of Community*, *Always have resided in the same neighbourhoods*, *Time of Residence*, *Education Level*, *Professional Level* and *Number of Activities undertaken in the district of residence*. The practical implications of this topic and future research are discussed.

Keywords: *Psychological Sense of Community*, *Importance of Community*, *Socio-demographical variables*.

Índice Geral

Introdução	1
1. Enquadramento Teórico	3
1.1. Sentido Psicológico de Comunidade	3
1.2. Definição de comunidade	7
1.3. Escalas de Medida do SPC com base no Modelo de McMillan e Chavis (1986)	7
1.4. Benefícios do SPC	10
1.5. Importância da Comunidade e o SPC	11
1.6. Influências no SPC	12
1.6.1. SPC ao Nível Individual	13
1.6.2. SPC ao Nível Comunitário	15
1.6.3. SPC e aspectos urbanísticos	16
1.6.4. SPC e a Identificação Social	17
1.7. Estudos sobre o SPC em Comunidades Geográficas	17
2. Metodologia	19
2.1. Objectivos e justificação do estudo	19
2.1.1. Questões de investigação	20
2.2. Selecção da Amostra	20
2.3. Caracterização da Amostra	21
2.4. Instrumentos utilizados	23
2. 5. Procedimento de recolha dos dados	27
3. Resultados	28
3.1. Estudo da <i>Escala Multidimensional e Territorial de Sentido de Comunidade</i> (EMTSC)	28
3.1.1. Análise factorial exploratória	28
3.1.2. Características psicométricas da EMTSC	31
3.2. Estudo da <i>Escala Breve de Sentido de Comunidade</i> (EBSC)	33
3.2.1. Análise Factorial Exploratória	34

3.2.2. Características psicométricas da EBSC	34
3.3. Validade referenciada por um critério externo – Correlação entre a EBSC e EMTSC	36
3.4. Relação entre o <i>Sentido Psicológico de Comunidade</i> e a <i>Importância da Comunidade</i>	37
3.5. Relação entre as <i>Variáveis Sócio-demográficas</i> e a <i>Percepção de Sentido Psicológico de Comunidade</i>	37
4. Discussão dos resultados	41
4.1. Índices psicométricos da EMTSC	41
4.2. Dimensões da EMTSC	41
4.3. Relação entre o <i>Sentido Psicológico de Comunidade</i> e a <i>Importância da Comunidade</i>	44
4.4. Relação entre as <i>Variáveis Sócio-demográficas</i> e a <i>Percepção de Sentido Psicológico de Comunidade</i>	45
4.5. Limitações do estudo	48
Capítulo 5. Conclusão e implicações práticas	50
Referências Bibliográficas	54

Anexos

Índice de Gráficos

Gráfico 1. Distribuição dos Grupos Profissionais (N=126).....	22
Gráfico 2. <i>Scree Plot</i> das Componentes Principais da EMTSC.....	29

Índice de Quadros

Quadro 1. Análise Factorial Exploratória a 3 factores da EMTSC após rotação <i>Varimax</i> , e as suas Comunalidades.....	30
Quadro 2. Médias, desvios-padrão e mínimos e máximos da EMTSC (N=211).....	31

Quadro 3. Correlações entre as dimensões da EMTSC e as correlações item-total corrigidas.....	32
Quadro 4. Precisão por <i>alfa</i> de <i>Cronbach</i> da EMTSC.....	33
Quadro 5. Médias desvios-padrão e mínimos e máximos da EBSC (N=211).....	34
Quadro 6. Correlações Inter-item e correlações item-total corrigidas da EBSC.....	35
Quadro 7. Precisão por <i>alfa</i> de <i>Cronbach</i> da EBSC.....	36
Quadro 8. Correlação entre a EBSC e a EMTSC e as suas dimensões (N=211).....	36
Quadro 9. Correlações de <i>Pearson</i> entre EMTSC e a EIC.....	37
Quadro 10. Correlações entre <i>Percepção de Sentido Psicológico de Comunidade e suas dimensões e Variáveis Sócio-demográficas</i>	38

Introdução

Será possível conhecer a essência da comunidade?

Cada vez mais vivemos numa sociedade em que nos encontramos desligados uns dos outros, em que nem conhecemos os nossos próprios vizinhos, numa sociedade que promove a individualidade, em que cada um cresce para seu lado, não havendo um sentimento de união. Torna-se importante pensar e estudar em que medida esta individualidade influencia o envolvimento dos indivíduos nas suas comunidades. Por este motivo, surge a importância de estudar o *Sentido Psicológico de Comunidade* (SPC)¹ em Comunidades Geográficas.

Este conceito de SPC é de extrema importância na compreensão das comunidades e é um conceito central na Psicologia Comunitária e na própria intervenção comunitária, tornando-se fundamental a existência de instrumentos de medida que permitam a sua análise. Assim, o presente estudo pretende adaptar e validar um instrumento de medida do SPC, a *Multidimensional Territorial Sense of Community Scale* (Prezza, Pacilli, Barbaranelli & Zampatti, 2009) para a população portuguesa.

O SPC, como muitos autores estudaram, contribui para a *Qualidade de Vida*, *Satisfação com a Vida* e *Bem-estar individual*, variáveis essenciais para a felicidade dos indivíduos. Tem sido um conceito muito discutido, tanto a nível teórico como a nível empírico, sendo o modelo mais aceite pela comunidade científica o Modelo de McMillan e Chavis (1986).

No presente estudo ficar-se-ão a conhecer dimensões verificadas para a população portuguesa, analisar-se-ão as influências de variáveis socioeconómicas neste conceito, e a relação entre o SPC e a importância que as pessoas dão à sua própria comunidade.

Este trabalho é constituído por cinco capítulos. O primeiro diz respeito ao Enquadramento Teórico em que se apresentará uma breve revisão de literatura sobre o conceito de *Sentido Psicológico de Comunidade*, suas medidas e influências, de modo a contextualizar as questões de investigação que se colocam.

¹ Neste trabalho, Sentido Psicológico de Comunidade e Sentido de Comunidade são considerados sinónimos.

O segundo capítulo refere-se à metodologia, onde são explicados os objectivos do estudo, referidas as questões de investigação, a caracterização da amostra, os instrumentos utilizados e o procedimento de recolha de dados.

No terceiro capítulo, apresentam-se os resultados obtidos.

O quarto capítulo corresponde à discussão dos resultados, onde se reflecte sobre os resultados obtidos e onde são abordadas as limitações do estudo.

O quinto, e último capítulo, diz respeito à conclusão do trabalho, onde são propostas futuras investigações e implicações práticas deste trabalho.

1. Enquadramento Teórico

Neste capítulo, pretende-se estudar a origem e evolução do conceito de Sentido Psicológico de Comunidade, a nível teórico e empírico, reflectindo sobre o conceito de comunidade, uma vez que é um conceito que supõe uma concepção de comunidade e ainda sobre os benefícios do *Sentido Psicológico de Comunidade* e a importância da própria comunidade neste.

Discute igualmente as influências a nível individual, comunitário e ambiental no *Sentido Psicológico de Comunidade* e, ainda, a relação com a Identificação Social, sendo, de seguida, referidos alguns estudos realizados em diversas comunidades geográficas.

1.1. Sentido Psicológico de Comunidade

O conceito de *Sentido Psicológico de Comunidade* (SPC) foi originalmente proposto por Sarason, em 1974, que o definia como “o sentimento de que somos parte de uma rede de relacionamentos de suporte mútuo, sempre disponível e da qual podemos depender” (p.1, citado por Amaro, 2007). Os componentes básicos deste conceito seriam os seguintes: percepção de semelhança com os outros; reconhecimento de interdependência mútua com os outros; vontade em manter essa interdependência através da reciprocidade comportamental baseada nas expectativas interactivas geradas; sentimento de que somos parte de uma grande e estável estrutura da qual podemos depender (*Sentimento de Pertença*) (Sarason, 1974, p.157, cit. por Vidal, 1991).

O SPC, segundo Sarason, aumenta e promove o bem-estar individual e a qualidade de vida social, opondo-se a sentimentos de solidão, alienação, sofrimento psicológico e sentimentos de impotência perante forças sociais (1974, cit. por Vidal, 1991). O facto é que a perda do SPC deveria, segundo o autor, ser considerado o problema social mais importante das sociedades ocidentais contemporâneas pelo que a sua recuperação e reconstrução deveria constituir o objectivo central da Psicologia Comunitária (PC).

Acredita-se que este conceito deverá estar na base da própria intervenção comunitária, a partir do qual se deverá começar a intervir e avaliar os resultados da própria intervenção.

Vidal (1991) diz que o SPC é “o ingrediente essencial para qualquer definição compreensiva da PC, uma vez que representa conceptualmente o ponto de encontro ou a união entre o individual e o colectivo/social que é, precisamente, o próprio campo da PC” (p.45).

Vários autores estudaram o SPC: Glynn (1981), através da análise factorial de 60 itens, identificou seis dimensões do SPC – *Avaliação Objectiva da Estrutura da Comunidade, Relações de Suporte na Comunidade, Similaridade e Padrões de Relacionamento dos Residentes, Envolvimento Individual na Comunidade, Qualidade da Comunicação e Segurança da Comunidade*; Doolittle e MacDonald (1978), através de uma análise factorial de 26 itens, também identificaram seis dimensões, as quais, apesar de semelhantes, foram atribuídas denominações diferentes das de Glynn – *Clima de Suporte, Ciclo de Vida Familiar, Segurança, Interação Informal, Interação Entre Vizinhos e, Localidade*; Riger e Lavrakas (1981) encontraram duas dimensões – *Laços Sociais e Aspectos Urbanísticos*; e Davidson e Cotter (1986) desenvolveram uma medida simples do SPC, através de análise factorial de 17 itens que se revelou ser unidimensional (cit. por Hill, 1996).

No entanto, a teoria actualmente mais aceite é de McMillan e Chavis (1986) que definiram o SPC como “um sentimento de pertença que os membros possuem, de que os membros se preocupam uns com os outros e com o grupo, e uma fé partilhada de que as necessidades dos membros serão satisfeitas através do compromisso de permanecerem juntos” (p.9). Neste estudo também foi considerada esta teoria.

Este conceito, segundo os autores, foi pensado para ser um constructo multidimensional composto por quatro dimensões: *Estatuto de membro (Membership)*, definido como o sentimento de pertença ou de partilha de um relacionamento pessoal, de pertença a um grupo; *Ligação Emocional (Shared Emotional Connection)*, a crença de que os membros partilham ou que irão partilhar histórias, lugares e experiências; *Influência (Influence)* como um sentimento de que uma pessoa tem importância e pode fazer a diferença na comunidade, e que, por sua vez, a comunidade tem importância para os seus membros; e por fim, *Integração e Satisfação das Necessidades (Integration and Fulfillment of Needs)* a percepção que as necessidades dos membros serão satisfeitas pela comunidade (McMillan & Chavis, 1986). Esta definição e composição do SPC capta a essência do constructo tal como é originalmente proposto por Sarason em 1974 (Amaro, 2007).

A dimensão *Estatuto de Membro*, segundo McMillan e Chavis (1986) compreende quatro elementos: (1) *Segurança Emocional*, isto é, um indivíduo liga-se afectivamente ao seu ambiente se este lhe der o mínimo de segurança; (2) *Sentimento de Pertença e Identificação* que determina quem faz parte da comunidade e quem não faz, através das fronteiras do grupo, que podem ser geográficas ou constituídas por ritos, símbolos ou valores partilhados; (3) *Investimento Pessoal* que representa a contribuição que as pessoas fazem para a comunidade, que pode ser material ou não; e por fim, um (4) *Sistema Simbólico Comum* (e.g. nome do bairro) que consiste em certos elementos, tais como uma linguagem especial ou objectos com um significado especial para a comunidade.

A *Ligação Emocional* é favorecida pela maior interacção entre membros se as experiências forem positivas ou se os eventos partilhados forem significativos e importantes. É também favorecida pelo facto de se possuir uma história comum, e pelo investimento significativo na comunidade. Assim, McMillan e Chavis (1986) definem sete atributos que caracterizam esta dimensão: hipótese de contacto, qualidade da interacção, proximidade de eventos, partilha de eventos, investimento na relação, efeito de honra e humilhação nos membros e laços espirituais.

A *Influência* é um conceito bi-direccional, por um lado, a influência do poder do grupo nos indivíduos e, por outro lado, o poder do indivíduo na influência do grupo, além do poder da comunidade comparada com outras comunidades (McMillan & Chavis, 1986).

A *Integração e Satisfação das Necessidades* é uma dimensão que se traduz no facto de que, através da satisfação das necessidades individuais, o sentimento de pertença ao grupo é positivamente reforçado e os seus membros são motivados a manter o seu envolvimento no grupo (McMillan & Chavis, 1986).

Estas quatro dimensões do SPC não devem ser estudadas separadamente mas interligadas mutuamente, uma vez que só podem ser compreendidas usando um constructo relativamente coeso (Pretty, 1990; Chavis, Hogge & McMillan, 1986; cit. por Prezza & Costantini, 1998).

Assim, ao longo dos anos, o desenvolvimento do conceito de SPC esteve sempre mais associado a McMillan e Chavis (1986); conceptualmente, esteve mais ligado a Chavis, Hogge, McMillan e Wandersman (1986) que, com base no modelo de McMillan e Chavis (1986), desenvolveram e testaram empiricamente o Índice de Sentido de Comunidade (*Sense of Community Index*) que serviu como medida do SPC;

e, como medida, esteve mais ligado a Bess, Fisher, Sonn e Bishop, 2002, Chavis e Pretty, 1999, Chipuer e Pretty, 1999 e Long e Perkins, 2003 (cit. por Peterson, Speer & Hughey, 2006).

Vários autores propuseram modelos ligeiramente diferentes (Burroughs & Eby, 1998; Puddifoot, 1995, 1996, cit. por Amaro, 2007), sendo que o próprio McMillan, em 1996, depois de ter sido demonstrada a força empírica do conceito, renovou o modelo, sugerindo pequenas mudanças e dando novos nomes aos conceitos: *Espírito* (*Spirit*), *Confiança* (*Trust*), *Troca* (*Trade*) e *Arte* (*Art*). Portanto, define SPC como “o *espírito* de pertença, o sentimento de que existe uma estrutura autoritária que pode ser *confiável*, a consciência da *troca*, e dos benefícios mútuos de se pertencer a algo, e o espírito que deriva da partilha de experiências que são preservadas como uma *arte*” (McMillan, 1996, p.315). No entanto, a essência do conceito não foi alterada; foi sim, dada nova ênfase a outros aspectos das próprias dimensões do conceito.

Assim, a dimensão de *Estatuto de Membro* passa a chamar-se *Espírito*, sendo que a principal diferença é na ênfase dada à amizade, expressa na necessidade de termos um sítio em que podemos ser nós próprios e vermo-nos nos olhos dos outros. (McMillan, 1996).

A dimensão *Influência* foi substituída pelo termo *Confiança*, surgindo uma importância na ordem, princípios e normas que dão confiança aos membros envolvidos (McMillan, 1996).

A *Integração e Satisfação de Necessidades* deu lugar à dimensão *Troca*, que fala em trocas recíprocas entre os membros, numa partilha de intimidade, de aproximação a membros com características semelhantes, sendo que chega a dizer que uma comunidade não pode sobreviver sem que os seus membros façam trocas justas entre eles (McMillan, 1996).

Por fim, a dimensão *Ligação Emocional* ficou com o nome de *Arte*, representando os valores transcendentais da comunidade (McMillan, 1996).

Portanto, McMillan em 1996, reafirma o modelo tentando especificar a ordem das dimensões para se chegar a um SPC mais positivo em que a *Arte* suporta o *Espírito* que, segundo o autor, é o primeiro elemento do SPC e, assim, os quatro elementos da comunidade estão ligados num ciclo de reforço (*Espírito*, depois *Confiança*, depois a *Troca*, depois a *Arte*, e outra vez o *Espírito*). Estes novos nomes propostos por McMillan não foram utilizados noutros estudos e neste utilizar-se-ão os nomes das dimensões propostos inicialmente por McMillan e Chavis, 1986.

1.2. Definição de comunidade

O conceito de *Sentido Psicológico de Comunidade* (SPC) supõe uma concepção de comunidade sobre a qual deve ser construído.

Comunidade pode ser vista como um conjunto de pessoas com algum elemento partilhado, que pode variar bastante consoante a situação, desde viver num determinado lugar, até algum interesse ou crença comum. Neste sentido, podemos pertencer a diversas comunidades – o nosso bairro, o nosso local de trabalho e diversos grupos de interesse (Obst & White, 2007).

Assim, o termo comunidade pode referir-se a uma comunidade no sentido territorial – Comunidade Geográfica ou Territorial, em que os seus membros estão unidos através de um local (e.g. bairros, cidades) ou a uma comunidade no sentido relacional – Comunidade Relacional ou de Interesses em que os seus membros estão unidos através de algo que não o lugar, tais como interesses comuns, profissão ou religião (Amaro, 2007). No alemão, chega mesmo a distinguir-se *Gemeinschaft* (comunidade territorial) da *Gesellschaft* (comunidade associativa ou de interesses).

Sarason (1974) e McMillan e Chavis (1986), baseados nas suas teorias de SPC, concordam que este se pode aplicar a todo o tipo de comunidade (cit. por Amaro, 2007).

No presente estudo aplicou-se o SPC a Comunidades Geográficas tendo-se definido estas comunidades com a palavra “bairro”, por parecer um conceito de fácil compreensão e ser o tal elemento partilhado. No entanto, segundo Montero (2004), o facto de se partilhar um lugar não o torna automaticamente uma comunidade: é necessária a presença de um SPC para se considerar um bairro uma verdadeira comunidade (2004, cit. por Amaro, 2007). Tal não parece fazer sentido se tivermos em conta a definição de Obst e White (2007), uma vez que os habitantes de um bairro continuam a ter um elemento partilhado. Assim, cada indivíduo, tendo ou não tendo SPC, tem sempre uma Comunidade Geográfica a que pertence.

1.3. Escalas de Medida do SPC com base no Modelo de McMillan e Chavis (1986)

Vários autores teorizaram sobre o SPC, mas continua a não haver muito consenso sobre as dimensões do SPC e como medi-lo.

Como já foi referido, Chavis, Hogge, McMillan e Wandersman (1986, cit. por Chipuer & Pretty, 1999) desenvolveram o *Índice de Sentido de Comunidade* (ISC) baseado no modelo de McMillan e Chavis (1986) em que os itens que o constituem decorrem das dimensões do modelo. Este índice foi utilizado em diversos estudos. No entanto, foram encontradas dificuldades em replicar a estrutura factorial do ISC. Dois dos estudos realizados a partir do ISC encontraram evidências estatísticas de modelos de SPC com três dimensões. Long e Perkins (2003) nomearam as três dimensões encontradas em dois bairros de Nova Iorque: *Ligações Sociais* (*Social Connections*), *Preocupações Mútuas* (*Mutual Concerns*) e *Valores Comunitários* (*Community Values*). Proescholdbell, Roosa e Nemeroff (2006) encontram as seguintes dimensões: *Influência* (*Influence*), *Ligação Emocional* (*Shared Emotional Connection*) e uma dimensão combinada de *Satisfação de Necessidades e Pertença* (*Fulfillment of Needs/Belonging*) numa comunidade gay. Estas diferenças encontradas podem dever-se à diversidade de experiências de cada comunidade onde foi aplicada esta escala. E, tal como Hill (1996) refere, “o sentido psicológico de comunidade é, em grande medida, o *setting* específico (...) varia de *setting* para *setting*” (p.433).

Esta medida também foi criticada por vários autores (Chipuer & Pretty, 1999; Tartaglia, 2006) por pretender medir um constructo multidimensional e revelar-se como unidimensional, não suportando, assim, o modelo de quatro factores de McMillan e Chavis (1986). Enquanto Chipuer e Pretty (1999) propõem que o *Índice de Sentido de Comunidade* seja analisado unidimensionalmente, outros autores como Tartaglia (2006) defendem a criação de uma escala multidimensional. Tartaglia (2006) refere que em Itália, o seu país de investigação, o SPC também foi operacionalizado como uma medida unidimensional através da *Escala Italiana de Sentido de Comunidade* (EISC, Prezza, Costantini, Chiarolanza & Di Marco, 1999). Esta escala contém 10 itens da escala de sentido de comunidade de Davidson e Cotter (1986) e 8 itens criados especificamente para o contexto italiano e para serem mais fiéis à teoria de McMillan e Chavis (1986) (Prezza, et. al., 1999, cit. por Prezza, Pacilli, Barbaranelli e Zampatti, 2009). Na EISC foram encontrados quatro factores mas não foi concebida como constructo multidimensional, o que, segundo Tartaglia (2006), foi uma decisão desadequada. Tartaglia (2006) defende a implementação de um novo modelo de SPC com três dimensões – *Vinculação ao Local* (*Place Attachment*), *Satisfação de necessidades e Influência* (*Needs Fulfillment and Influence*) e *Laços Sociais* (*Social Bonds*).

Como foi visto, nem todas as dimensões do modelo foram verificadas empiricamente, podendo tal dever-se aos instrumentos utilizados ou à influência da idiossincrasia das comunidades às diferenças culturais. Sonn, Bishop e Drew (1999) discutem a influência cultural no conceito e na forma de medir o SPC, perguntando-se se um elevado SPC numa comunidade de indígenas na Austrália significa o mesmo que um elevado SPC numa comunidade ocidental. Estes autores afirmam, então, que as “Comunidades são mais que estruturas, são construídas pelos seus membros e pela combinação de factores sociais, políticos, económicos e culturais. Daqui resulta que a comunidade e a experiência da comunidade devem reflectir e ser entendidas em termos da realidade sociocultural específica do grupo” (Sonn, Bishop & Drew, 1999, p.211).

Tendo em conta todas as críticas feitas ao *Índice de Sentido de Comunidade*, Peterson, Speer e McMillan (2008) desenvolveram uma escala multidimensional chamada *Escala Breve de Sentido de Comunidade* (EBSC) que mede o constructo SPC proposto pelo modelo de McMillan e Chavis (1986), em que as dimensões da escala correspondem às dimensões do modelo, já referidas. Esta Escala foi validada para a população portuguesa por Marante (no prelo) que, no entanto, através da análise factorial chegou apenas a duas dimensões, a dimensão *Satisfação de Necessidades* também encontrada por Peterson et. al. (2008) e uma dimensão, que denominou de *Envolvimento*. Esta escala servirá para validar a escala utilizada neste estudo.

Outra escala multidimensional, que é alvo deste estudo, é a escala proposta por Prezza, Pacilli, Barbaranelli e Zampatti (2009) que foi criada especificamente, ao contrário da EBSC, para comunidades geográficas. Esta escala tem o nome de *Multidimensional Territorial Sense of Community Scale* (MTSOCS) e parte das dimensões da teoria de McMillan e Chavis (1986) chegando a cinco sub-escalas: *Estatuto de Membro* (*Membership*), *Influência Partilhada* (*Shared Influence*), *Clima Social e Laços* (*Social climate and Bonds*), *Ajuda em Caso de Necessidade* (*Help in Case of Need*) e *Satisfação de Necessidades* (*Needs Fulfillment*).

As principais diferenças entre estas duas escalas dizem respeito à operacionalização das dimensões *Ligação Emocional* e *Influência* do modelo de McMillan e Chavis (1986).

Este trabalho, pretendeu adaptar e validar esta escala, por essa razão, far-se-á uma revisão mais aprofundada da MTSOCS.

Numa versão inicial da MTSOCS, esta continha 26 itens construídos a partir da EISC, tendo-se chegado a uma versão da MTSOCS com 19 itens, que será utilizada neste estudo.

Relativamente à operacionalização das dimensões criadas por McMillan e Chavis (1986), foram feitas algumas alterações que são referidas de seguida.

Na dimensão *Estatuto de Membro* foi apenas considerado um elemento, daqueles que McMillan e Chavis (1986) referiram: o *Sentimento de Pertença e Identificação*. A *Segurança Emocional*, segundo Prezza, et. al. (2009), em comunidades territoriais está ligada à *Segurança Urbana* que se revelou não estar relacionada com o SPC. O *Sistema Simbólico Comum* é considerado pelos mesmos autores como um pré-requisito ou uma consequência do SPC, e não propriamente como um elemento constituinte desta dimensão. Tal parece fazer sentido se considerarmos que o *Sistema Simbólico Comum* serve, sim, como elemento de união de um conjunto de pessoas ou seja, é esse sistema que define o conceito de comunidade em si (segundo a definição de Obst. & White, 2007, revista anteriormente) e não o conceito de SPC.

Relativamente à dimensão *Influência*, na MTSOCS não foi considerada a influência do indivíduo na comunidade. Assim, foi criada a subescala *Influência Partilhada*, para medir a percepção de ser capaz de influenciar a comunidade através da junção com outros na comunidade.

Pensa-se que a influência do próprio indivíduo na comunidade, considerada pelo modelo de McMillan e Chavis, 1986, deveria ter sido estudada.

No que concerne à dimensão *Ligação Emocional*, foram criadas duas subescalas: *Clima Social e Laços* e *Ajuda em Caso de Necessidade* para operacionalizar o conceito.

Por fim, relativamente à dimensão *Satisfação das Necessidades*, foram formulados alguns itens de forma muito geral (e.g. *Neste bairro tenho poucas possibilidades de satisfazer as minhas necessidades.*) e outros, em termos da disponibilidade de serviços e actividades na comunidade

1.4. Benefícios do SPC

Sarason (1974) defende que o sentido de comunidade é central no bem-estar dos indivíduos e, desde aí, muitos autores demonstraram que o SPC está correlacionado

com um forte *Sentido de Identidade* e *Bem-estar Psicológico*, o que promove a *Qualidade de Vida* (Sonn, Bishop & Drew, 1999).

Diversos estudos realizados em comunidades geográficas bastante distintas chegaram a resultados semelhantes. Davidson e Cotter (1991), num estudo americano, demonstraram que o SPC está significativamente relacionado com o *Bem-estar Individual Subjectivo* (*Subjective well-being* - *SWB*); portanto, ter um forte SPC melhora o *Sentimento de Bem-Estar* especialmente no aumento da *Felicidade* mas também diminui a *Preocupação* e aumenta a *Auto-eficácia*. Peterson, Speer e McMillan (2008), através da EBSC, confirmaram que o SPC estava positivamente correlacionado com o *Empowerment Psicológico*, a *Saúde Mental*, e negativamente correlacionado com a *Depressão*. Em diversos estudos italianos, verificou-se que o SPC contribui para a *Qualidade de Vida*, *Satisfação com a Vida* e *Bem-estar Individual* encorajando um maior sentido de identidade e uma maior auto-confiança, facilitando as relações sociais em oposição à solidão (Martini & Sequi, 1995, cit. por Prezza & Constantini, 1998; Prezza, Amici, Roberti & Tedeschi, 2001). Num estudo realizado numa sociedade oriental (Mak, Cheung & Law, 2009), verificou-se que o SPC está negativamente relacionado com *Tédio Diário* (*daily hassles*) e positivamente com *Qualidade de Vida* e, ainda, com o *Apoio Social*. Num estudo grego (Roussi, Rapti, & Kiosseoglou, 2006), constatou-se que o SPC estava positivamente relacionado com o convívio social, e negativamente relacionado com acções anti-sociais e estados de humor negativos. Esta relação entre SPC e o estado de humor negativo era mediada pelo *coping*.

Vistas as contribuições do SPC no bem-estar dos indivíduos, compreende-se que, na Psicologia Comunitária, seja muitas vezes estudado o SPC, visto que muitas estratégias de intervenção nas comunidades visam precisamente o aumento de SPC.

Outro factor é que, se SPC estiver presente, é mais provável que as pessoas se mobilizem e tentem encontrar soluções para os seus problemas (Francescato & Ghirelli, 1988, cit. por Prezza & Constantini, 1998).

1.5. Importância da Comunidade e o SPC

Como já foi referido por outros autores, na sociedade actual tem-se vindo a perder o SPC. Se pensarmos nas causas desta perda, surge a ideia de qual será a importância que as pessoas dão à sua própria comunidade e em que medida a sua

comunidade é importante para a sua identidade pessoal e para a sua vida social. Torna-se fundamental perceber se a sociedade actual considera importante a sua comunidade geográfica a estes níveis. Apesar de autores como Sarason (1974, cit. por Vidal, 1991) criticarem a perda de SPC, também se torna importante questionarmo-nos acerca da importância que essa perda tem para cada um de nós. Será, assim, tão preocupante, a perda de SPC nas comunidades geográficas? Talvez se dê primazia a outro tipo de comunidade, a outros grupos de pertença, explicando a menor importância dada à comunidade geográfica.

No entanto, não nos podemos esquecer que não deixamos de pertencer a uma comunidade geográfica. Os indivíduos de uma comunidade continuam a ter esse elemento como elemento comum. Assim, continua a ser importante estudar o SPC em Comunidades Geográficas e, como foi visto anteriormente, ter um elevado SPC contribui para o bem-estar individual (Sonn et. al., 1999). Portanto, podemos não ter noção da sua importância, mas este continua a contribuir para a nossa qualidade de vida (Sonn et. al., 1999) na maioria das comunidades.

Assim, em termos de relação entre o SPC e a *Importância de Comunidade*, pode-se pensar que, se a comunidade não for sentida como importante para os indivíduos a este nível, então ter ou não ter SPC torna-se irrelevante. No entanto, um indivíduo que tenha um SPC elevado pode dar uma maior importância à sua comunidade, uma vez que, se está satisfeito e integrado na sua comunidade, é natural que esta seja importante na sua identidade pessoal e nas relações sociais estabelecidas.

1.6. Influências no SPC

Relativamente ao SPC, importa perceber a influência de algumas características individuais e comunitárias sobre este. Numa fase inicial, quase todos os autores se debruçaram sobre as características individuais, dando pouca relevância às características comunitárias, o que cria um problema em termos de intervenção comunitária, uma vez que as características individuais, tais como a idade, estado civil, número de filhos são estáticas enquanto as características comunitárias são susceptíveis de intervenção.

Outra influência importante referida em particular pela Psicologia do Ambiente é a influência de aspectos urbanísticos no SPC.

O Conceito de Identificação Social também parece ter uma grande influência sobre o SPC.

1.6.1. SPC ao Nível Individual

Ao nível individual, surgem variáveis como o *Estado Civil*, em que se verifica que indivíduos casados ou em união de facto apresentam maior SPC (Prezza, Amici, Roberti & Tedeschi, 2001; Prezza et. al. 2009). Outro factor é a *Idade*, sendo que SPC aumenta com esta (Brodsky et al., 1999; Prezza et al. 2001). Uma outra variável que aumenta o SPC é o facto de se *Ter Crianças Em Idade Escolar* (Hedger, 1992, cit. por Prezza et. al. 2001). Em relação à variável *Género*, não foram encontradas diferenças (Prezza et. al. 2001).

O *Tempo de Residência* na comunidade é uma das variáveis referida em muitos estudos, tendo-se verificado que, na maioria dos estudos, está positivamente relacionada com o SPC (Buckner, 1988; Riger & Lavrakas, 1981; Robinson & Wilkinson, 1995, cit. por Hill, 1996), mas nem todos os estudos verificam esta correlação. Skjaeveland, Garling e Maeland (1996) põem a hipótese de tanto a *Idade* como o *Tempo de Residência* aumentarem o SPC quando as pessoas escolhem ficar nos bairros que gostam (cit. por Brodsky, O'Campo & Aronson, 1999).

Segundo Hill (1996), a relação entre SPC e *Variáveis Sócio-demográficas* pode ser muito diferente dependendo do contexto, de aspectos físicos e do ambiente social. Por exemplo, o *Número De Crianças Em Casa*, que geralmente está associado a altos níveis de SPC (Brodsky et al, 1999; Prezza et al.2001, Obst, Smith e Zinkiewicz, 2002), no estudo de Brodsky (1996) estava negativamente relacionado, uma vez que era um contexto específico de mães solteiras resilientes que viviam em projectos de habitação social perigosos, que sentiam que tinham de proteger os seus filhos de influências negativas, ou seja, consideravam que envolver-se com a comunidade significava pôr em risco a segurança dos seus filhos.

Alguns estudos analisaram estas variáveis, distinguindo os efeitos consoante o tamanho da localidade. Prezza e Costantini (1998) verificaram que, em meios rurais, aqueles que apresentam maior SPC são indivíduos com crianças, os que participam em grupos na comunidade e os mais velhos. Relativamente às zonas urbanas, os indivíduos que apresentam um maior SPC são os que trabalham no bairro onde vivem, os que têm menos habilitações literárias, as mulheres e aqueles que participam nos grupos de

bairro. Os resultados obtidos por estes autores confirmam que o SPC é mais elevado nos mais velhos e nas pessoas com mais oportunidade para se relacionar, presumivelmente por trabalharem na comunidade e participarem em grupos ou associações. Estes autores chegaram à conclusão de que quanto maior for o *Nível de Escolaridade*, menor tenderá a ser o *Sentimento de Pertença* a uma comunidade geográfica, surgindo este dado como particularmente evidente para a zona urbana. Prezza e Costantini (1998) apresentam como justificação a existência de maior escolha e maiores oportunidades para as pessoas escolherem grupos e comunidades que se baseiam nos mesmos valores em detrimento de uma pertença territorial comum.

No estudo de Mak, Cheung e Law (2009), são mencionadas as características específicas da sociedade oriental em comparação com as sociedades ocidentais. Os bairros na sociedade oriental são mais heterógeneos, segundo os autores, na medida em que, no mesmo bairro, coexistem pessoas de níveis sócio-económicos muito diferenciados. Coexistem casas subsidiadas pelo governo, condomínios privados e outros tipos de habitação. Esta heterogeneidade pode não contribuir para o desenvolvimento do SPC como um todo, dependendo se estas pessoas partilham de espaços comuns. Assim, verifica-se a importância da investigação do plano urbanístico no SPC dos residentes (Plas & Lewis, 1996 cit. por Mak, Cheung & Law 2009). Contudo, neste estudo não se verificou nenhuma influência de variáveis sócio-demográficas (e.g. idade e género) ou factores sócio-económicos (e.g. número de membros da família e nível educacional) no SPC. Portanto, o SPC dos indivíduos de Hong Kong pode ser mais determinado pela construção subjectiva de comunidade e laços emocionais (Newbrough e Chavis 1986 cit. por Mak, Cheung & Law 2009) do que por variáveis sócio-demográficas. Tal pode ser justificado pelo facto dos habitantes de Hong Kong trabalharem longas horas, longe das suas residências, comendo e fazendo compras em sítios distantes de sua casa, e ficando pouco tempo na sua comunidade geográfica passando então a dar mais importância a comunidades relacionais.

Num estudo português, Gonçalves (2009) verificou que um maior SPC está relacionado com variáveis como *Morar Numa Localidade Rural*, *Ser Praticante de uma Religião*, *Trabalhar na Área de Residência*, *Participar numa Actividade na Área de Residência*, um maior *Número de Elementos no Agregado Familiar* e um maior *Número de Filhos em Casa*. Verificou, ainda, que um *Nível Profissional* mais elevado está relacionado com a dimensão *Satisfação de Necessidades* do SPC.

1.6.2. SPC ao Nível Comunitário

Ao nível comunitário, variáveis como a *Participação em Associações/Grupos na Comunidade* contribuem para um elevado SPC (Prezza et al. 2001; Obst, Smith e Zinkiewicz, 2002; Peterson, et. al., 2008; Prezza, et. al., 2009). Wandersman e Giamartino (1980) identificaram alguns factores que influenciam a *Participação na Comunidade*, tais como a percepção favorável sobre a interacção com os vizinhos, tanto a nível individual como comunitário. A percepção de problemas no bairro (e.g., existência de criminalidade), assim como o clima (e.g., pensar que os moradores podem fazer algo), parecem favorecer a participação.

Outro factor que aumenta o SPC é o facto de se ser proprietário da sua própria habitação (Long & Perkins, 2003) e ter sido líder do grupo comunitário (Brodsky et al. 1999; Prezza et al. 2001).

Outros factores que podem ajudar a construir um SPC são encontros entre vizinhos e a existência de organizações de vizinhança. Estas organizações fazem com que se conheça os vizinhos, melhore a comunicação e se dê um objectivo comum aos seus membros (Wandersman, 1981, Wiesenfeld, 1997 cit. por Gardner & Stern, 2002). Mesmo os residentes que não participam directamente podem ser influenciados pelo facto de verem que os esforços voluntários dos outros têm efeito (Kingston, Mitchell, Florin e Stevenson, 1999).

Outra variável é a densidade populacional, em que uma baixa densidade populacional também surge como um bom preditor para um alto SPC devido ao aumento de privacidade e espaço pessoal (Sagy et al. 1996 cit. por Mak, Cheung & Law, 2009). Contudo, tal não foi confirmado em todos os estudos (Mak, Cheung & Law, 2009).

Outros estudos (Wilson & Baldassare, 1996; Bonaiuto & Bonnes, 1996 cit. por Gifford, 2007) mostram que o SPC é maior quando os residentes estão contentes com a quantidade de participação na comunidade e com a sua privacidade residencial, sendo menor quando vivem em cidades grandes, densas e com maior diversidade étnica.

1.6.3. SPC e aspectos urbanísticos

Nasar e Julian (1995) referiram a importância do plano urbanístico na promoção de SPC (cit. por Kim & Kaplan, 2004). Tais aspectos urbanísticos já foram referidos por outros autores tais como Riger e Lavrakas, 1981 (cit. por Hill, 1996), como uma dimensão própria do SPC.

No entanto, de seguida apresentar-se-ão aspectos urbanísticos que podem promover o SPC e não os constituintes deste. Para tal, seria necessário uma revisão de conceitos como Satisfação Residencial, Identidade Local, da Psicologia Ambiental, que não foram abordados neste estudo. Porém, é importante referir as possíveis influências dos aspectos ambientais no SPC.

Kim e Kaplan (2004) referem que a forma como são planeados os bairros tem influência no SPC como, por exemplo, novas comunidades urbanísticas em que são desenhadas ruas estreitas, alpendres e pequenos lotes, que permitem que as pessoas caminhem mais e conheçam os seus vizinhos, promovendo um maior sentimento de pertença e SPC.

Brown, Burton e Sweaney (1998) pensaram em alguns tipos de *design* que podem promover o SPC, tal como o facto de existirem alpendres à porta da casa, o que fomenta encontros informais entre vizinhos, permitindo saber quem faz ou não faz parte, um factor importante para a dimensão de *Estatuto de Membro*. O alpendre também pode servir como forma de se distanciar das pessoas da casa (cit. por Gardner & Stern, 2002).

Bonitas paisagens, parques e grandes espaços verdes, também parecem favorecer um maior SPC, uma vez que criam espaços informais de socialização (Gardner & Stern, 2002).

Um factor que não promove um SPC é a presença de objectos danificados no bairro (e.g. carros abandonados, lixo), a degradação física do bairro, uma vez que está associado ao medo de crime. Portanto, a remoção desses stressores pode promover o SPC (Perkins, Meeks & Taylor, 1992 cit. por Gifford, 2007).

1.6.4. SPC e a Identificação Social

No estudo de Obst, Smith e Zinkiewicz (2002), foram examinados os níveis de SPC e Identificação Social. A Identificação surgiu como um forte preditor de SPC, indicando que, quanto mais um indivíduo se identificar com a sua comunidade, maior será o seu SPC.

Os resultados também revelaram maiores níveis de *Identificação Social* e SPC em comunidades de interesses do que em comunidades geográficas. Os autores apontam como explicação a noção de escolha, uma vez que esta existe na comunidade de interesse mas não existe na comunidade geográfica.

Em 2007, para verificar esta hipótese, Obst e White realizaram um estudo que relacionou a *Identificação Social*, SPC e *Grau de Escolha*, chegando à conclusão que os indivíduos que percebem um maior *Grau de Escolha* quanto à pertença a um grupo, apresentam um maior SPC (também um maior sentimento de pertença) do que aqueles que sentem que não podem escolher.

1.7. Estudos sobre o SPC em Comunidades Geográficas

Garcia, Giuliani e Wiesenfeld (1999) realizaram um estudo sobre comunidade e SPC num bairro urbano em Caracas e concluíram que o desenvolvimento do SPC depende do tipo de relações estabelecidas ao longo dos tempos, isto é, desenvolve-se através de eventos e de problemas que as pessoas da comunidade encontram e da forma como os interpretam à luz do conhecimento histórico. Assim, um activo conhecimento da história local integrada no dia-a-dia é fundamental para a formação e duração do SPC.

Num estudo de Obst, Smith e Zinkiewicz (2002), os resultados indicam que os indivíduos que vêem o seu bairro como mais do que uma rua ou praça têm maior propensão para ter um maior SPC. Portanto, os indivíduos com um maior *locus* espacial do bairro apresentam níveis mais elevados de SPC, o que poderá estar relacionado com um maior sentimento de inclusão.

Mannarini, Tartaglia, Fedi e Greganti (2006) concluíram que existe uma relação positiva entre a imagem do bairro e o SPC. Quanto mais positiva a imagem do bairro, mais elevado o *Sentimento de Pertença*, a *Identidade Local* e, por conseguinte, o SPC.

Prezza e Constantini (1998) realizaram um estudo que tinha como objectivo estudar as relações entre o SPC, a *Satisfação com a Vida*, *Auto-estima*, *Percepção de Apoio Social* e *Satisfação com os Serviços Comunitários* em três comunidades territoriais com diferentes tamanhos. Chegaram à conclusão que o SPC e a *Satisfação com a Vida* são mais altos numa área rural do que numa larga área urbana, e que o SPC só se relaciona com a *Satisfação com a Vida* na área rural e em cidades pequenas. Apresentam como justificação o facto de em grandes urbanizações não se dar muita importância ao SPC na área de residência, e/ou dar-se primazia às Comunidades Relacionais. Roussi, Rapti e Kiosseoglou (2006) realizaram um estudo semelhante mas em duas áreas da Grécia, uma rural e outra urbana, e os resultados mostraram que o SPC era mais elevado na área rural, tal como o estudo anterior. Obst, Smith e Zinkiewicz (2002), num estudo semelhante, chegaram aos mesmos resultados mas apresentam outra explicação possível para os resultados. Colocam a possibilidade de, o facto das comunidades rurais terem um tamanho reduzido poder contribuir para cultivar um forte sentimento de pertença, de criação de laços, de suporte, de influência e de interdependência e, portanto, um elevado SPC.

Num estudo português, Gonçalves (2009), verificou que a relação entre o SPC e a *Satisfação Com a Vida* parece ser, de facto, mediada pelo *Apoio Social Percebido*, tanto em pequenas como em grandes áreas de residência.

Revistos os conceitos mais pertinentes para este estudo, proceder-se-á à explicação do processo de adaptação e validação da *Multidimensional Sense of Community Scale* (Prezza, Pacilli, Barbaranelli & Zampatti, 2009) para a população portuguesa.

2. Metodologia

Neste capítulo, apresentam-se os objectivos e a justificação do presente estudo, as questões de investigação, os critérios de selecção da amostra, a caracterização desta, os instrumentos utilizados e o procedimento de recolha dos dados.

2.1. Objectivos e justificação do estudo

Este estudo tem, como objectivo, adaptar e validar uma Escala de Sentido de Comunidade, a *Multidimensional Territorial Sense of Community Scale* (MTSOCS, Prezza, Pacilli, Barbaranelli & Zampatti, 2009) para a população portuguesa, agora denominada de *Escala Multidimensional e Territorial de Sentido de Comunidade* (EMTSC).

Foi escolhida a MTSOCS, uma vez que é uma escala multidimensional baseada no modelo de McMillan e Chavis (1986), o modelo mais aceite actualmente. Outra particularidade desta escala é ter sido concebida para ser aplicada em Comunidades Geográficas e não para todos os tipos de comunidade (Comunidades de Interesse e Comunidades Geográficas). Este factor é muito importante, uma vez que, tal como já foi referido, o Sentido Psicológico de Comunidade (SPC) pode ser específico de determinada comunidade e deve considerar as características idiossincráticas de cada comunidade (Hill, 1996) e muitas das escalas criadas para as diferentes comunidades geográficas e relacionais apresentam dimensões diferentes entre si. Assim, torna-se necessária a existência de uma escala multidimensional e específica para Comunidades Geográficas.

A escolha de uma escala italiana, que foi construída especificamente para ser aplicada em Itália (um país do sul da Europa) deveu-se ao facto de, culturalmente, ser um país mais próximo de Portugal. Em ambos, as cidades têm um passado antigo e são caracterizadas por uma estrutura urbana centrada na história e em lugares representativos da cidade. O facto de ser culturalmente mais próximo é de extrema importância, pois, como referem Sonn, Bishop e Drew (1999) a “comunidade e a experiência da comunidade deve reflectir e ser entendida em termos da realidade sociocultural específica do grupo” (p.211).

A adaptação desta escala para a população portuguesa vai permitir a utilização desta escala em comunidades territoriais em que, por exemplo, seja necessária intervenção comunitária. Através da medição do SPC, poderá perceber-se se é

necessária uma intervenção e, também, poderá servir como instrumento de avaliação de projectos comunitários, visto que, tal como foi referido no Enquadramento Teórico, o SPC é vital para a *Satisfação com a Vida* das comunidades.

Pretende-se, assim (1) adaptar e validar a MTSOCS à população portuguesa; (2) validar externamente a MTSOCS através da EBSC; (3) verificar se existe alguma relação significativa entre a *Percepção de Sentido Psicológico de Comunidade* e a *Importância da Comunidade*; (4) verificar se existe alguma relação significativa entre a *Percepção de Sentido Psicológico de Comunidade* e algumas *Variáveis sócio-demográficas*.

2.1.1. Questões de investigação

Tendo em consideração os objectivos do estudo, surge a seguinte questão inicial: Será que os valores psicométricos da EMTSC são adequados para a população portuguesa?

Para responder a esta questão, é necessário responder às seguintes questões de investigação:

Questão de Investigação 1: Será que a EMTSC tem as mesmas dimensões que a MTSOCS?

Questão de Investigação 2: Será que a EBSC e a MTSOCS medem o mesmo constructo?

Questão de Investigação 3: Será que existe alguma relação significativa entre a *Percepção de Sentido Psicológico de Comunidade* e a *Importância da Comunidade*?

Questão de Investigação 4: Será que existe alguma relação significativa entre a *Percepção de Sentido Psicológico de Comunidade* e as *Variáveis sócio-demográficas*?

2.2. Selecção da Amostra

De modo a validar o instrumento utilizado, recolheu-se uma amostra de conveniência. Como critério de aplicação, o indivíduo que respondesse ao questionário teria de ter 18 ou mais anos de idade, pois as escalas são mais adequadas à avaliação de adultos.

Após ter sido fornecido um esclarecimento geral sobre o estudo, foi pedido aos participantes que preenchessem um termo de consentimento informado, um questionário sócio-demográfico (Anexo I) e um conjunto de escalas: a EBSC (adap. por Marante & Lind, no prelo), a EIC (desenvolvida por Gonçalves, Moreira & Lind) e a EMTSC (adap. por Glória & Lind, 2010).

2.3. Caracterização da Amostra

A amostra obtida é constituída por 211 adultos com idades compreendidas entre os 18 e os 92 anos de idade ($M = 34.9$ anos e $DP = 15.3$), 66.4 % do sexo feminino ($N = 140$) e 33.6 % ($N = 71$) do sexo masculino. A maior parte dos participantes da amostra é de nacionalidade portuguesa (98.6%).

Relativamente ao Estado Civil, a maior parte dos participantes são Solteiros 56.9% ($N = 120$), Casados e em União de facto 34.6% (28.9% e 5.7% respectivamente), Divorciados e Separados 5.6% (4.7% e 0.9% respectivamente) e os restantes 2.4% correspondem aos viúvos.

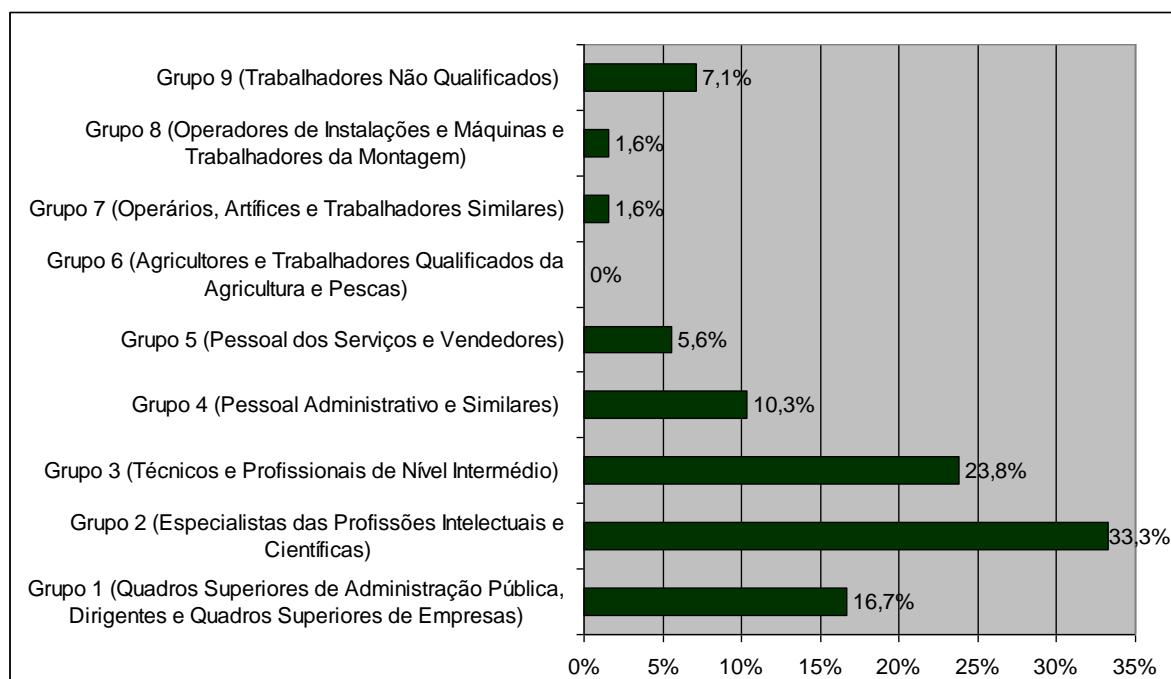
Em relação à escolaridade, verificou-se que a maioria dos indivíduos frequentou o ensino superior 50.7% ($N = 107$), 26.5% ($N = 56$) tem o 12º ano ou equivalente, 8.5% ($N = 18$) tem mais que o ensino superior, 8.1% ($N = 17$) tem o 9º ano de escolaridade ou equivalente e, apenas 6.1 % ($N = 13$) tem menos que o 9º de escolaridade.

No que diz respeito aos dados relativos ao número de elementos que constituem o agregado familiar, verificou-se que a maioria é composta por 4 elementos 38.4% ($N = 81$). 21.3 % ($N = 45$) é constituído por 2 elementos, 20.4% ($N = 43$) é constituído por 3 elementos, 10.4% ($N = 22$) constituída por 1 elemento, 8.1% ($N = 17$) é constituído por 5 elementos, 0.9% ($N = 2$) é constituída por 6 elementos e 0.5% ($N = 1$) é constituída por 8 elementos.

Verificou-se que, para número de filhos, a maior parte dos participantes, 64% ($N = 135$), não têm filhos, 23.7% ($N = 50$) têm 2 filhos, 7.6% ($N = 16$) têm um filho, 3.8% ($N = 8$) têm 3 filhos, um dos participantes tem 6 filhos (0.5%) e outro tem 8 filhos (0.5%). Dos 76 participantes que têm filhos, 43.5% ($N = 33$) têm dois filhos que coabitam consigo, 26.5% ($N = 20$) não têm filhos que coabitam consigo, 26.5% ($N = 20$) têm um filho a viver consigo, um tem 3 filhos a coabitar consigo (1.3%), outro com 5 filhos a coabitar consigo (1.3%) e outro com 6 filhos a coabitar consigo (1.3%).

No que respeita aos dados relativos ao estado de actividade dos participantes, verificou-se que a maior parte, 59.7% (N= 126), exercem uma profissão ou estão reformados (agrupou-se os activos e reformados porque ambos dependem dos próprios rendimentos) e os restantes 40.3% (N=85) dependem financeiramente de outrem. Neste último grupo, incluem-se os participantes que se encontram a estudar (33.6%, N=71), os desempregados (5.2%, N=11) e as domésticas (1.4%, N=3). Relativamente ao Grupo² a que pertencem os 126 participantes que exercem uma profissão ou se encontram reformados, verificou-se que a maioria, 33.3% (N=42), pertence ao Grupo 2 (Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas). A distribuição dos participantes pelos grupos de trabalho encontra-se no Gráfico 1.

Gráfico 1. Distribuição dos Grupos Profissionais (N=126)



Respeitante ao local de trabalho a maior parte dos participantes, 63% (N = 133) responderam que não trabalhavam na área de residência e os restantes 37% (N = 78) responderam que trabalhavam na área de residência.

² Os grupos foram definidos de acordo com a Classificação Nacional de Profissões (CNP) do Instituto do Emprego e Formação Profissional (<http://www.iefp.pt/formacao/CNP/Paginas/CNP.aspx>; acedido em 20 de Janeiro de 2010). Importa salientar que a leitura do Nível Profissional deverá considerar a codificação de 1 a 9, em que 1 reporta ao nível mais elevado (Quadros Superiores de Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas) e 9 ao nível menos elevado (Trabalhadores Não Qualificados).

No que concerne às regiões dos locais de residência, a maioria dos participantes habita na Grande Lisboa 57.8% (N= 122), 19.9% no Centro (N = 42), 19% no Sul (N = 40), 3.3% no Norte (N = 7), não havendo nenhum participante que habite nas ilhas.

Em relação ao tempo em que os sujeitos habitam na localidade onde vivem, verificou-se uma média de 19.25 anos (DP = 15.90), sendo que o número mínimo de anos é menor que um ano e o máximo é 92 anos.

No que concerne às actividades realizadas no bairro de residência (e.g., voluntariado, actividades de lazer, desportivas, religiosas, comunitárias, etc.), verificou-se que a maioria, 55.5% (N = 117), não realiza nenhuma actividade no seu bairro, 30.8% (N= 65) realiza uma actividade no seu bairro, 10.9% (N=23) realiza 2 actividades no seu bairro, 1.9% (N=4) realiza 3 actividades no seu bairro e duas pessoas realizam seis actividades no seu bairro (0.9%).

2.4. Instrumentos utilizados

Além do questionário de dados sócio-demográficos, foram utilizadas duas escalas para medir a *Percepção de Sentido de Comunidade*: a *Escala Breve de Sentido de Comunidade* – EBSC (Peterson, Speer & McMillan, 2008; versão adaptada por Marante & Lind, no prelo) e a *Escala Multidimensional e Territorial de Sentido de Comunidade* – EMTSC (Prezza, Pacilli, Barbaranelli & Zampatti, 2009; traduzida e adaptada neste estudo)

Foi ainda utilizada a *Escala de Importância da Comunidade* – EIC (desenvolvida por Gonçalves, Lind & Moreira).

A EBSC e a EMTSC foram escolhidas por derivarem da teoria de McMillan e Chavis (1986), pelos motivos já explanados e por apresentarem bons índices psicométricos. A EMTSC foi escolhida por ser de fácil compreensão e por ser específica de comunidades geográficas, como já foi referido. A EBSC tinha como objectivo validar a EMTSC e foi escolhida por ser breve e de fácil aplicação e, essencialmente, por já estar validada para a população portuguesa.

A EIC foi escolhida por ser essencial perceber em que medida a comunidade é importante na identidade pessoal e na rede social estabelecida, acreditando-se que tenha influência no Sentido de Comunidade.

De seguida, serão apresentados em maior detalhe os instrumentos utilizados. A ordem de apresentação seguirá a ordem com que foram apresentados aos participantes no momento de aplicação.

a) Questionário Sócio-demográfico

Este questionário (Anexo I) foi utilizado para caracterizar a amostra e para compreender a influência de algumas variáveis sócio-demográficas no SPC.

As questões foram elaboradas com base no questionário realizado por Marante (no prelo), por este apresentar uma estrutura simples e de fácil preenchimento. Na adaptação efectuada, foram feitas alterações de modo a melhorar a compreensão das questões e ir de encontro aos objectivos do estudo.

b) Escala Breve de Sentido de Comunidade (EBSC)

A EBSC é uma escala breve de 8 itens desenvolvida com o objectivo de representar as dimensões de SPC propostas pelo modelo teórico de McMillan e Chavis (1986). Cada dimensão é constituída por dois itens que representam as quatro dimensões do modelo. Assim, os dois primeiros itens da escala correspondem à *Satisfação de Necessidades* (e.g. 2. *Este bairro ajuda-me a satisfazer as minhas necessidades.*), os itens 3 e 4 representam o *Estatuto de Membro* (e.g. 3. *Sinto-me como um membro deste bairro*), os itens 5 e 6 a *Influência* (e.g. 6. *As pessoas deste bairro influenciam-se umas às outras*) e os itens 7 e 8 a *Ligação Emocional* (e.g. 8. *Tenho bons laços com outros neste bairro*). Esta escala fornece suporte empírico para a compreensão do modelo multidimensional proposto por McMillan e Chavis (1986) e apresenta bons níveis de consistência interna (Peterson, Speer & McMillan, 2008).

A EBSC teve uma primeira versão portuguesa, adaptada e validada por Marante (no prelo), da *Brief Sense of Community Scale* (BSCS) de Peterson, Speer e McMillan (2008), mantendo o formato original desta. Neste estudo, foram feitas alterações a esta primeira versão com o intuito de melhorar os níveis de consistência interna e obter uma maior precisão e validade. O valor de *alfa* de *Cronbach* relativo à precisão obtido na escala original por Peterson et al. (2008) – BSCS foi de 0.92, na escala adaptada por

Marante (no prelo) – EBSC foi de 0.83 e, na EBSC em estudo, foi de igualmente 0.83. As escalas apresentam, pois, uma elevada consistência interna.

No entanto, no estudo de Marante (no prelo), os itens 5 e 6 apresentavam *alfa* reduzido (0.45 e 0.18 respectivamente). Por este motivo, foram efectuadas alterações nestes dois itens com vista a aumentar o *alfa*.

O item 5, que se apresentava como “Eu tenho uma palavra a dizer sobre o que se passa na minha comunidade”, foi alterado para “Se quiser posso colaborar com o que se passa no meu bairro”, que aparenta uma maior clareza. O item 6 passou de “As pessoas desta comunidade conseguem influenciar-se umas às outras” a apresentar-se como “As pessoas deste bairro influenciam-se umas às outras.”. Em termos da precisão, o item 5 passou de um *alfa* de 0.45 a 0.60 e o item 6 de 0.18 a 0.27. Apesar da melhoria, pensa-se que pelo menos o item 6 deverá sofrer novas alterações. Julga-se que o valor reduzido se possa dever à tradução portuguesa, visto que o termo *influencing* é de difícil tradução, uma vez que a população portuguesa tende a ver o termo “influência” numa perspectiva negativa; no entanto, neste estudo, não se encontrou outra forma de traduzir este termo. Outra hipótese deriva do facto de este ser o único item que coloca a ênfase nos “outros” e não na primeira pessoa do respondente- um dos participantes diz mesmo “*eu sei lá se os outros se influenciam*” (sic).

Outra alteração no instrumento diz respeito à escala de Likert na qual os participantes deveriam assinalar as suas respostas. A escala de Likert da versão americana e na versão de Marante era de 5 pontos, variando entre *discordo fortemente* e *concordo fortemente*, com a opção neutra *não concordo nem discordo*. Na versão do presente estudo, alterou-se para uma escala de Likert de 4 pontos em que se retirou a opção neutra. Desta forma, pretendia-se obrigar os participantes a tomar uma posição, eliminando as respostas de tendência central (Hill & Hill, 2005).

Por fim, outra alteração diz respeito ao termo usado para definir comunidade geográfica. Assim, em vez de se pedir aos participantes para pensarem na “área de residência, bairro ou comunidade local” pedia-se para pensarem apenas em “bairro”, para especificar o conceito de comunidade geográfica e de forma a não dispersar as fronteiras da comunidade pretendida, o que poderia acontecer com os termos anteriores. Mesmo com esta alteração, alguns participantes tiveram dúvidas “*mas eu não moro num bairro*” (sic), “*bairro é a minha freguesia?*” (sic), “*tenho de pensar para além do meu condomínio?*” (sic). Assim, outro termo poderá ser necessário para definir comunidade geográfica, talvez um estudo qualitativo sobre o que as pessoas pensam ser

a sua comunidade geográfica pudesse esclarecer no sentido de chegar a um termo mais correcto. Em todos os itens, também foi retirado o “Eu” do início de todos eles por se considerar desnecessário no âmbito da língua portuguesa.

c) Escala Importância de Comunidade (EIC)

Esta escala foi desenvolvida por Gonçalves, Lind e Moreira e tem como objectivo conhecer a importância das relações actuais estabelecidas pelo sujeito dentro da sua comunidade geográfica, de um ponto de vista da identidade pessoal e da vida social do indivíduo.

A escala é constituída por dois itens e por uma escala de *Likert* de 5 pontos. Neste estudo, tal como foi alterado na EBSC, passou-se de uma escala de 5 pontos para uma de 4, oscilando entre “nada importante” e “muito importante”.

Esta escala tinha sido validada por Marante (no prelo) com um *alfa de Cronbach* de 0.78. Neste estudo, a escala apresentou um *alfa de Cronbach* de 0.72.

d) Escala Multidimensional e Territorial de Sentido de Comunidade (EMTSC)

A *Multidimensional Territorial Sense of Community Scale* (MTSOCS) foi desenvolvida por Prezza, Pacilli, Barbaranelli e Zampatti (2009) com o objectivo de construir uma escala multidimensional para adultos que medisse a *Sentido Psicológico de Comunidade* em comunidades geográficas.

A escala possui 19 itens divididos em cinco subescalas congruentes com as dimensões teóricas do sentido de comunidade de McMillan e Chavis (1986). Dos 19 itens da escala, seis encontram-se invertidos (os itens 2, 8, 9, 13, 16 e 19). Para assinalar as respostas, esta Escala possui uma escala de *Likert* de 4 pontos que oscila entre *concordo fortemente* e *discordo fortemente*.

A subescala *Estatuto de Membro* é constituída pelos itens 5, 12, 18 e 19 (e.g. 12. *Quando estou em viagem tenho orgulho em dizer onde vivo.*); a subescala *Influência Partilhada* pelos itens 1, 3 e 10 (e.g. 3. *Neste bairro existe a possibilidade, querendo, de contribuir para a política local.*); a subescala *Clima Social e Laços* pelos itens 4, 6, 7 e 13 (e.g. 6. *Aqui as pessoas são sociáveis.*); a subescala *Ajuda em Caso de Necessidade* pelos itens 9, 14, 16 e 17 (e.g. 17. *Neste bairro, muita gente está disponível para fornecer ajuda se alguém precisar.*) e, por fim, a subescala *Satisfação de Necessidades*

pelos itens 2, 8, 11 e 15 (e.g. 8. *Neste bairro nunca há muito para fazer.*). As subescalas foram consideradas boas de um ponto de vista psicométrico e mostraram uma boa validade do constructo (Prezza et. al., 2009).

Na obtenção da versão portuguesa da MTSOCS, pretendia-se ser o mais fiel possível à versão original. Na tradução do questionário, seguiu-se o método de tradução e retroversão sugerido por Hill e Hill (2005). Primeiramente, foi efectuada a tradução do italiano para o português, o mais fiel possível, e a retroversão das escalas por um membro independente (professor italiano em Portugal) da tradução. Seguidamente, procedeu-se à verificação e eliminação de discrepâncias entre a tradução e retroversão, chegando-se a uma versão final da Escala. Por fim, foi realizado um pré-teste desta versão portuguesa a 5 indivíduos para verificar da sua inteligibilidade e adequação. Não tendo existido dúvidas por parte dos sujeitos, a versão final não foi alterada.

Assim, neste estudo a EMTSC foi traduzida e adaptada para a população portuguesa através da amostra recolhida. Relativamente à precisão por *alfa* de Cronbach, a MTSOCS apresentam um *alfa* de 0.88 e a EMTSC um *alfa* de 0.89. Estes valores revelam uma óptima consistência interna da escala, sendo que a própria tradução da escala apresenta um *alfa* ligeiramente maior do que o da escala original. No entanto, tem de se ter com conta que os *alfas* são parcialmente comparáveis, uma vez que o valor de *alfa* da MTSOCS diz respeito à versão com 26 itens e o da EMTSC à de 19 itens.

2. 5. Procedimento de recolha dos dados

Numa fase inicial, procedeu-se à aplicação de um pré-teste a 5 pessoas, com o questionário de dados sócio-demográficos e as escalas a serem utilizados, com o intuito de perceber ou verificar se as questões eram claras e de fácil compreensão. Uma versão final foi, depois, aplicada aos participantes deste estudo.

As aplicações à amostra foram efectuadas durante Dezembro de 2009 e Janeiro de 2010, tendo a recolha da amostra sido realizada em conjunto com duas colegas de mestrado, que também irão utilizar os dados. Na recolha da amostra recorreu-se, igualmente, a amigos, colegas e familiares que responderam ao questionário e aplicaram-no nos seus locais de trabalho.

Os dados recolhidos foram analisados utilizando o SPSS (*Statistical Packages for the Social Sciences*), versão 17.0 para Windows.

3. Resultados

Neste capítulo, primeiramente, far-se-ão as análises à *Escala Multidimensional e Territorial de Sentido de Comunidade* (EMTSC) e à *Escala Breve de Sentido de comunidade* (EBSC), seguida da relação entre ambas e, finalmente a relação entre o *Sentido Psicológico de Comunidade* (SPC), a *Importância de comunidade* e as *Variáveis Sócio-económicas*.

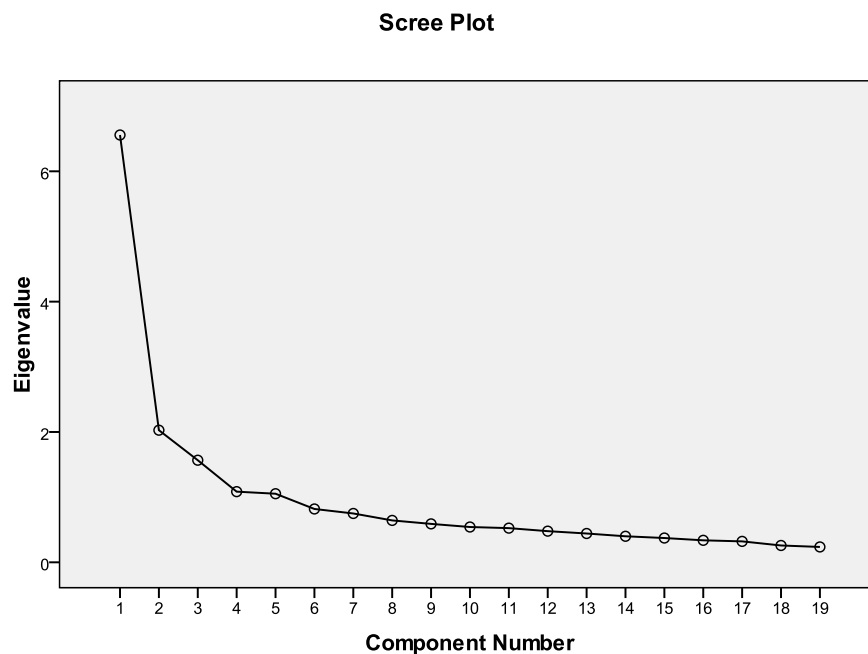
3.1. Estudo da *Escala Multidimensional e Territorial de Sentido de Comunidade* (EMTSC)

3.1.1. Análise factorial exploratória

Foi feita uma análise factorial exploratória do somatório dos itens da Escala. Obtiveram-se muito bons resultados no teste KMO 0.88 e o teste de esfericidade de Bartlett é significativo a um nível de 0.00, o que indica que existe uma suficiente correlação entre as variáveis e que estão preenchidos os pré-requisitos para esta análise (Pestana & Gageiro, 2000).

Na análise factorial exploratória, a decisão sobre o número de factores extraídos tem sido alvo de discussão, existindo diversos métodos para decidir quais os factores mais salientes. Dois dos métodos mais usados e disponíveis no SPSS são o *critério Kaiser*, que consiste em seleccionar os factores com valores próprios superiores a 1 e o método *Scree Test* (Child, 2006). Neste estudo, foram utilizados os dois métodos.

Através do primeiro método, foram extraídas 5 componentes principais que explicam aproximadamente 65% da variância. No entanto, na análise do *Scree plot* (Gráfico 2), foram apenas extraídos 3 factores, uma vez que, na análise visual do *Scree plot*, devem seleccionar-se todas as componentes até que a linha que as une comece a ficar horizontal, ou seja, todos os componentes à esquerda do cotovelo (Maroco, 2007), o que acontece na 4ª e 5ª componente, seleccionando-se as três primeiras componentes. Por esta razão e pelo facto de os valores próprios das dimensões 4 e 5 não serem muito elevados, optou-se por trabalhar apenas os três factores extraídos através deste método.

Gráfico 2. *Scree Plot* das Componentes Principais da EMTSC

Considerando os factores extraídos, procedeu-se a uma análise factorial a 3 factores. Nesta análise, foi escolhido o método *Varimax*, dado que o objectivo deste estudo é conhecer os itens que compõem cada uma das dimensões. Este método permite obter uma estrutura factorial na qual uma, e apenas uma, das variáveis originais esteja fortemente associada a um único factor e pouco associada aos restantes (Maroco, 2007). A rotação *Varimax* dos factores com normalização de Kaiser foi resolvida com 5 iterações, o que significa que estes dados se adequam ao modelo teórico.

No Quadro 1, são apresentados os itens da escala, bem como a sua saturação em cada componente, após a rotação *varimax* dos eixos.

Quadro 1. Análise Factorial Exploratória a 3 factores da EMTSC após rotação *Varimax*, e as suas Comunalidades

Itens	Após rotação			Comunalidade
	Componentes			
	1	2	3	
1	,020	,707	,030	,660
2	,218	-,002	,763	,656
3	,105	,369	,093	,739
4	,613	,459	,144	,620
5	,795	,287	,025	,723
6	,444	,537	,032	,595
7	,613	,414	,122	,597
8	,070	,118	,807	,711
9	,265	,548	,125	,648
10	,251	,438	,226	,445
11	,124	,200	,823	,737
12	,720	,086	,195	,664
13	,546	,458	,135	,603
14	,157	,660	-,014	,651
15	,093	,307	,696	,653
16	,139	,680	,268	,716
17	,149	,678	,144	,536
18	,774	,125	,052	,692
19	,636	,010	,426	,642

Na extracção dos itens que correspondem a cada dimensão, convencionou-se que teriam de apresentar um peso factorial superior a 0.4. (Maroco, 2007). Neste caso, este factor é tido em conta, mas a colocação do item corresponderá ao factor em que satura mais, isto é, apresenta um peso factorial mais elevado.

O primeiro factor apresenta um valor próprio de 6.56 e explica 34.51% da variância total. Os itens que apresentam uma maior saturação neste factor são os itens 4, 5, 7, 12, 13, 18 e 19.

O segundo factor tem um valor próprio, 2.03, explicando 45.18% da variância acumulada. Os itens 1, 3, 9, 10, 14, 16 e 17 apresentam os maiores níveis de saturação neste factor, no entanto o item 3 apresenta uma saturação baixa. Por este motivo,

analisou-se o item em termos de correlações item-total corrigidas (Anexo II), e averiguou-se qual seria o *alfa de Cronbach* se o item fosse retirado, tanto ao nível da dimensão como ao nível da escala total. A correlação item-total corrigida foi de 0.29, o que é baixo. No entanto, nem em relação à escala total nem à dimensão, a remoção do item se traduzia numa melhoria significativamente do *alfa* (não superior a 0.02).

O terceiro factor apresenta um valor próprio, 1.57, e explica 53.43% da variância acumulada. Os itens 2, 8, 11 e 15 apresentam os maiores níveis de saturação neste factor.

Podemos, ainda, constatar que todas as comunalidades são elevadas, o que significa que os três factores retidos são apropriados para descrever a estrutura correlacional latente entre os itens.

Foram atribuídos nomes a estes factores/dimensões encontradas, que serão explicados na Discussão dos Resultados. Ao primeiro factor denominou-se *Companheirismo*, ao segundo factor *Interdependência* e ao terceiro factor, que é igual ao da MTSOCS, deu-se o nome de *Satisfação de Necessidades*.

3.1.2. Características psicométricas da EMTSC

Serão analisadas, de seguida, algumas características psicométricas da escala. Estas são apresentadas em relação aos valores da escala total e aos valores das suas dimensões. Para uma análise por itens, onde são expostas as características psicométricas em relação aos itens veja-se o Anexo II.

a) Tendência central e variabilidade

Quadro 2. Médias, desvios e mínimos e máximos da EMTSC (N=211)

Dimensões	Média das respostas	Desvio-Padrão	Mínimo-Máximo
Total	2,71	0,40	1,00 - 3,84
Dimensão 1 Companheirismo	2,77	0,55	1,00 - 4,00
Dimensão 2 Interdependência	2,76	0,38	1,00 - 3,88
Dimensão 3 Satisfação de Necessidades	2,50	0,59	1,00 - 3,75

Conforme o quadro 2 indica, as médias de respostas em todas as dimensões da EMTSC apresentam aproximadamente o valor 3.00, o que significa que a população no geral apresenta um nível razoável de SPC. A dimensão *Satisfação de Necessidades* apresenta a média de respostas mais baixa. O maior desvio-padrão verifica-se na dimensão *Satisfação de Necessidades* e o menor desvio-padrão na dimensão *Interdependência*, correspondendo os mínimos ao valor mínimo da escala de resposta e os máximos tendem para o valor máximo da escala de respostas

b) Correlações entre dimensões e correlações Item-total da EMTSC

Analizamos, agora, as correlações Inter-dimensão, e as correlações Item-total corrigidas, que são consideradas um índice de precisão (ver Quadro 3).

Quadro 3. Correlações entre as dimensões da EMTSC e as correlações item-total corrigidas

Dimensões	Total	Dimensão 1 Companheirismo	Dimensão 2 Interdependência	Dimensão 3 Satisfação de Necessidades	Correlações Item-total corrigidas
Total					0,987
Dimensão 1 Companheirismo	0,887**				0,705
Dimensão 2 Interdependência	0,840**	0,620**			0,678
Dimensão 3 Satisfação de Necessidades	0,678**	0,414**	0,390**		0,526

**A correlação é significativa a um nível de significância de $p < 0.01$

Analizado o poder discriminativo dos itens com base nas correlações Item-total corrigidas, verificou-se que todas as correlações Item-total corrigidas das dimensões são superiores a 0.40 (Hill & Hill, 2005), não tendo sido encontrada nenhuma correlação Item-total corrigida inferior a 0.20 (nem mesmo na análise por item que se encontra no Anexo II).

Em relação às correlações entre as dimensões da escala, a maior correlação observada, além da escala completa com as restantes, verifica-se entre a dimensão

Companheirismo e as restantes, e a menor correlação observada entre a dimensão *Satisfação de Necessidades* e as restantes.

A correlação mais forte com a Escala Total verifica-se com o *Companheirismo* e a mais fraca com a *Satisfação de Necessidades*, talvez pelo elevado número de itens pertencentes à dimensão *Companheirismo* e o reduzido número de itens na dimensão *Satisfação de Necessidades*.

Entre dimensões, a correlação mais elevada observada é entre o *Companheirismo* e a *Interdependência*, verificando-se correlações significativas positivas, mas fracas entre a dimensão *Companheirismo* e a *Satisfação de Necessidades* e uma correlação ainda mais fraca entre a *Interdependência* e a *Satisfação de Necessidades*.

c) Consistência interna

Quadro 4. Precisão por *alfa* de Cronbach da EMTSC

Dimensões	<i>Alfas de Cronbach</i>
Total	0.89
Dimensão 1 – Companheirismo	0.86
Dimensão 2 – Interdependência	0.78
Dimensão 3 -Satisfação de Necessidades	0.82

A escala total apresenta níveis elevados de consistência interna, tal como as suas dimensões, sendo a dimensão *Interdependência* a que apresenta um *alfa* mais baixo.

3.2. Estudo da *Escala Breve de Sentido de Comunidade (EBSC)*

Uma vez que já foi feito um estudo da EBSC numa amostra portuguesa (Marante, no prelo), de seguida, e de forma muito breve, apresentar-se-á a análise factorial exploratória e alguns dados psicométricos obtidos na amostra em estudo.

3.2.1. Análise Factorial Exploratória

Procedeu-se a uma análise factorial exploratória da EBSC (Anexo III), tendo obtido um bom nível no teste KMO, 0.77 e o teste de esfericidade de Bartlett, é significativo a um nível de 0.00. Através dos dois métodos de análise critério de *Kaiser* e *Scree Plot*, foram extraídos dois factores. Este resultado é congruente com os factores extraídos por Marante (no prelo).

Através da rotação *varimax* com normalização de Kaiser com apenas 3 iterações, chegou-se à seguinte distribuição de itens, usando, como critério de saturação, o peso factorial ser superior a 0.4:

O primeiro factor tem um valor próprio de 3.831 e explica 47.9% da variância e é composto pelos dois primeiros itens da escala, correspondendo à dimensão *Satisfação das Necessidades* da escala original.

O segundo factor explica 18.7% da variância e tem um valor próprio de 1.498. Os pesos factoriais, neste factor, são os restantes itens, do item 3 ao item 8, o que corresponde à dimensão encontrada por Marante (no prelo) – *Envolvimento*. O item 6 é o que apresenta uma saturação mais baixa (0.47).

3.2.2. Características psicométricas da EBSC

a) Tendência central e variabilidade

Quadro 5. Médias, desvios-padrão e mínimos e máximos da EBSC (N=211)

Itens	Média	Desvio-padrão	Mínimo -Máximo
Totais	2,79	0,49	1,13 - 4,00
1	2,84	0,78	1,00 - 4,00
2	2,77	0,76	1,00 - 4,00
3	2,84	0,73	1,00 - 4,00
4	2,85	0,75	1,00 - 4,00
5	2,84	0,65	1,00 - 4,00
6	2,44	0,73	1,00 - 4,00
7	2,81	0,73	1,00 - 4,00
8	2,92	0,70	1,00 - 4,00

Através do Quadro 5, podemos verificar que os valores da média de cada item rodam o valor 3, ou seja, tendencialmente a população apresenta níveis razoáveis de

SPC. O item 6 apresenta a média mais baixa e o item 8 a mais elevada. Os desvios-padrão são elevados. Os mínimos e os máximos de todos os itens correspondem aos valores mínimos e máximos da escala de respostas. Para uma análise mais aprofundada dos itens, ver Anexo IV.

b) Correlações Inter-item e item-total corrigidas

Quadro 6. Correlações Inter-item e correlações item-total corrigidas da EBSC

Itens	1	2	3	4	5	6	7	8	Item-total corrigidas
1									,454
2	,809								,467
3	,273	,320							,739
4	,290	,287	,792						,663
5	,317	,323	,545	,459					,599
6	,067	,065	,225	,148	,247				,270
7	,254	,262	,654	,668	,441	,297			,674
8	,186	,172	,642	,493	,531	,345	,607		,620

As correlações item-total corrigidas devem ser superiores a 0.4 (Hill & Hill, 2005). Através da análise do Quadro 6, constatou-se que todas as correlações Item-total corrigidas são superiores a 0.4, excepto o item 6.

Em relação às correlações inter-item, estas devem ser superiores a 0.4 (Hill & Hill, 2005); verificamos que o item 1 e 2 se encontram bastante correlacionados como seria de esperar, uma vez que se encontram na mesma dimensão. Os restantes itens também se encontram relacionados entre si, excepto o item 6.

Apesar dos valores das correlações item-total corrigidas e da pouca correlação do item 6 com os restantes, se este for retirado (ver Anexo IV) não faz aumentar o *alfa* da escala total em mais de 0.02. Por este motivo e pelo facto de não ter sido eliminado na versão de Marante (no prelo), não será retirado. No entanto, este item deverá passar por uma nova melhoria.

Em relação ao item 5, que foi reformulado no presente estudo, obtiveram-se bons índices psicométricos.

c) Consistência interna

Quadro 7. Precisão por *alfa* de Cronbach da EBSC

Dimensões	<i>Alfas de Cronbach</i>
Total	0.83
Satisfação de Necessidades	0.89
Envolvimento	0.84

Os valores da Escala Total e das dimensões encontradas revelam bons índices de consistência interna e uma elevada precisão.

3.3. Validade referenciada por um critério externo – Correlação entre a EBSC e EMTSC

Como podemos observar pelo Quadro 8, a correlação de *Pearson* entre estas duas escalas foi de 0.77 ($p > 0.01$) ou seja, uma correlação positiva significativa. Podemos, assim, afirmar que as duas escalas medem o mesmo constructo; portanto, ambas as escalas medem a *Percepção de Sentido Psicológico de Comunidade*.

Verificou-se, igualmente, que todas as dimensões se correlacionam umas com as outras. A correlação mais elevada verificou-se entre a dimensão *Companheirismo* da EMTSC e a dimensão *Envolvimento* da EBSC.

A dimensão *Satisfação de Necessidades* da EBSC apresenta uma correlação elevada com a dimensão com o mesmo nome da EMTSC.

Quadro 8. Correlação entre a EBSC e a EMTSC e as suas dimensões (N=211)

	EBSC Total	Satisfação das Necessidades	Envolvimento
EMTSC Total	,774**	,488**	,727**
Dimensão 1 – Companheirismo	,781**	,325**	,811**
Dimensão 2 – Interdependência	,509**	,237**	,518**
Dimensão 3 Satisfação de Necessidades	,552**	,734**	,343**

**A correlação é significativa a um nível de significância de $p < 0.01$

3.4. Relação entre o *Sentido Psicológico de Comunidade* e a *Importância da Comunidade*

Um dos objectivos deste estudo era perceber se existiria uma relação significativa entre o *Sentido Psicológico de Comunidade* e a *Importância da Comunidade*. A análise da *Escala de Importância da Comunidade* (EIC) encontra-se no Anexo V.

Realizou-se uma correlação de *Pearson* entre os totais das duas escalas e as suas dimensões. Os resultados encontram-se no Quadro 9.

Quadro 9. Correlações de *Pearson* entre EMTSC e a EIC

	Correlação de <i>Pearson</i>	Sig. (2-tailed)
EIC – EMTSC	0.614**	0.000
EIC – EMTSC Companheirismo	0.661**	0.000
EIC – EMTSC Interdependência	0.466**	0.000
EIC – EMTSC Satisfação de Necessidades	0.291**	0.000

**A correlação é significativa a um nível de significância de $p < 0.01$

Como se pode constatar, existe uma correlação significativamente positiva e elevada entre a *Percepção de Sentido Psicológico de Comunidade* e a *Importância da Comunidade*. Isto quer dizer que para valores elevados na EIC temos valores elevados de SPC.

O mesmo acontece com as dimensões do SPC, verificando-se que a correlação menos elevada é entre a dimensão *Satisfação de Necessidades* e a *Importância de Comunidade* e, a mais elevada, é entre a dimensão *Companheirismo* e a *Importância de Comunidade*.

3.5. Relação entre as *Variáveis Sócio-demográficas* e a *Percepção de Sentido Psicológico de Comunidade*

Outro objectivo deste estudo era verificar se existe uma diferença significativa entre a *Percepção de Sentido Psicológico de Comunidade* (PSPC) e as *Variáveis Sócio-*

demográficas – Género, Sempre ter residido no mesmo bairro, Trabalhar/Estudar na Área de Residência, Idade, Nível de Escolaridade, Número de Elementos do Agregado Familiar, Número de Filhos, Número de Filhos em Casa, Nível Profissional, Tempo de Residência, Número de Actividades Realizadas no Bairro de Residência. Para tal, foram realizadas correlações de *Pearson* e de *Spearman* consoante o facto de se tratarem de variáveis métricas ou ordinais, respectivamente. Os resultados encontram-se no Quadro 10.

Quadro 10. Correlações entre Percepção de Sentido Psicológico de Comunidade e suas dimensões e Variáveis Sócio-demográficas

Variáveis Sócio-Demográficas	EMTSC Total	EMTSC Companheirismo	EMTSC Interdependência	EMTSC Satisfação de Necessidades
Idade (N=211)	,026	,044	-,047	,073
Nível de Escolaridade (N=211)	-,104	-,207**	-,076	,101
Nº de Elementos do Agregado Familiar (N=211)	,085	,112	,060	,012
Nº de Filhos (N=211)	,069	,075	,013	,082
Nº de Filhos em Casa (N=211)	,127	,132	,050	,129
Nível Profissional (N=126)	,157	,273**	,132	-,154
Tempo de residência (N=202)	,221**	,358**	,078	,026
Nº de Actividades (N=211)	,225**	,155*	,162*	,259**
Sexo (N=211)	-,082	-,020	-,088	-,095
Sempre ter residido no mesmo bairro (N=211)	-,165*	-,328**	-,087	,056
Trabalhar/estudar na Área de Residência (N=210)	,005	-,028	,044	-,002

*A correlação é significativa a um nível de significância de $p < 0.05$

**A correlação é significativa a um nível de significância de $p < 0.01$

Variáveis como o *Género*, *Trabalhar/estudar na Área de Residência*, *Idade*, *Número de Elementos do Agregado Familiar*, *Número de Filhos*, *Número de Filhos em Casa* não apresentaram correlações significativas com a EMTSC e as suas dimensões. De seguida, serão referidas as correlações significativas.

Sempre ter residido no mesmo bairro e Tempo de residência e SPC

O *Tempo de Residência* e *Sempre ter residido no mesmo bairro* encontram-se correlacionados ($n=202$: $r=-0.585$, $p<0.01$) como seria de esperar, uma vez que o facto de ter vivido sempre no mesmo bairro aumenta o tempo de residência.

Como podemos constatar pelo Quadro 10, existe uma correlação significativamente negativa entre o facto de se ter sempre vivido no mesmo bairro e a EMTSC e também com a dimensão *Companheirismo*. Isto significa que as pessoas que viveram sempre no mesmo bairro apresentam maiores níveis de PSPC e na dimensão *Companheirismo*.

Existe, também, uma correlação significativamente positiva entre o tempo de residência e a EMTSC e também com a dimensão *Companheirismo*. Isto significa que, quanto mais anos de residência, maiores níveis de PSPC e de dimensão *Companheirismo*.

Nível de Escolaridade e Nível Profissional e SPC

Apresenta-se as variáveis *Nível de Escolaridade* e *Nível Profissional* em conjunto, devido à boa correlação ($n=126$: $r=-0.7$, $p<0.01$) entre elas e aos resultados semelhantes. Em ambas não se verificou nenhuma correlação significativa com a Escala total, mas sim com a dimensão *Companheirismo*. Isto significa que, para menores níveis de escolaridade e para baixos níveis de grau profissional, temos níveis mais elevados na dimensão *Companheirismo*.

Número de Actividades realizadas no bairro de residência e SPC

Existe, também, uma correlação significativamente positiva entre o *Número de actividades realizadas no bairro de residência* e a EMTSC. Isto significa que quanto maior o número de actividades realizadas, maior os níveis de PSPC.

O *Número de Actividades* encontra-se também correlacionado com todas as dimensões da EMTSC, isto é, um indivíduo que participe num elevado nível de

actividades no seu bairro apresenta níveis mais elevados em todas as dimensões da EMTSC o PSPC. Esta é a única característica de nível comunitário, as restantes dizem respeito a características individuais.

4. Discussão dos resultados

Neste capítulo, far-se-á a discussão dos resultados dos índices psicométricos, das dimensões da *Escala Multidimensional e Territorial de Sentido de Comunidade* (EMTSC), da relação encontrada entre o *Sentido Psicológico de Comunidade* (SPC) e a *Importância de Comunidade*, e das relações encontradas entre algumas *Variáveis Sócio-demográficas* e o SPC. Por fim, apresentam-se algumas limitações deste estudo.

4.1. Índices psicométricos da EMTSC

Pode-se concluir que a EMTSC oferece bons índices psicométricos com uma boa consistência interna ao nível da escala total e das dimensões encontradas. No entanto, foram encontrados alguns problemas quanto ao item 3, que podem dever-se à interpretação dos participantes, visto que o item é o seguinte: “Neste bairro existe a possibilidade, querendo, de contribuir para a política local” e alguns indivíduos afirmaram “eu não me meto em políticas” (sic). Portanto, não compreenderam o significado da palavra “política” neste item, atribuindo-lhe uma conotação negativa em vez de uma positiva, como era pretendido. Como alteração ao item, sugere-se: “Neste bairro existe a possibilidade, querendo, de contribuir para a organização local”.

A validade externa ou empírica foi verificada através de correlações com a *Escala Breve de Sentido de Comunidade* (EBSC).

Assim, podemos responder à questão inicial do estudo: Será que os valores psicométricos da EMTSC são adequados para a população portuguesa? Sim, podemos dizer que a EMTSC possui bons índices de precisão e validade para a população portuguesa. Portanto, conseguiu-se obter um instrumento válido que avalie a SPC.

4.2. Dimensões da EMTSC

Através da Análise Factorial da Escala, chegaram-se a três dimensões com os seguintes itens correspondentes:

Dimensão 1 – *Companheirismo*

4. Sinto-me à vontade com as pessoas do meu bairro.
5. Sinto que pertenço a este bairro.
7. Tenho bons amigos neste bairro.
12. Quando estou em viagem tenho orgulho em dizer onde vivo.
13. Acho que é difícil formar um vínculo com as pessoas que vivem no meu bairro.
18. Este bairro é uma parte de mim.
19. Gostaria de viver noutro sítio.

Dimensão 2 – *Interdependência*

1. Se houvesse um problema sério no meu bairro as pessoas que aqui vivem saberiam como unir-se e resolvê-lo.
3. Neste bairro existe a possibilidade, querendo, de contribuir para a política local.
6. Aqui as pessoas são sociáveis.
9. Se tivesse um problema, poucos neste bairro procurariam ajudar-me.
10. Aqui, se as pessoas se organizam, têm boas possibilidades de atingir os objectivos que desejam.
14. Se tivesse uma emergência, seguramente que me ajudariam de boa vontade até as pessoas que não conheço.
16. Neste bairro há pouca disponibilidade de ajudar pessoas em dificuldades.
17. Neste bairro, muita gente está disponível para fornecer ajuda se alguém precisar.

Dimensão 3 – *Satisfação de Necessidades*

2. Neste bairro tenho poucas possibilidades de satisfazer as minhas necessidades.
8. Neste bairro nunca há muito para fazer.
11. Este bairro oferece-me a oportunidade de fazer muitas coisas.
15. Se necessitar de ajuda, este bairro oferece-me serviços excelentes capazes de satisfazer as minhas necessidades.

A Dimensão 1 encontrada contém todos os itens (itens 5, 12, 18 e 19) da subescala *Estatuto de Membro*, da escala original, e três dos itens da subescala *Clima Social e Laços* (itens 4, 7 e 13). Ao analisar estes itens, pode dizer-se que estão relacionados com o conceito de amizade. Tal parece ser congruente com a revisão do modelo feita por McMillan, em 1996, que dá o nome de *Espírito* à dimensão *Estatuto de*

Membro e realça a importância da amizade nesta variável. Parece também ser congruente com a própria definição dada por McMillan e Chavis, em 1986, que definiram *Estatuto de Membro* como o sentimento de partilha de um relacionamento pessoal.

Tendo em conta os 7 itens que constituem esta dimensão, sugerir-se-á como nome da dimensão – *Companheirismo* em vez de *Espírito*. Este nome pretende representar a ligação entre amizade e *Estatuto de Membro*. Esta ligação parece fazer todo o sentido uma vez que, quanto mais amigos e laços um indivíduo tiver com outros na sua comunidade mais inserido se vai sentir, o indivíduo poderá, assim, sentir-se como um verdadeiro membro da comunidade, uma vez que tem laços dentro da comunidade.

A Dimensão 2 possui todos os itens da subescala *Ajuda em Caso de Necessidade* (itens 9, 14, 16 e 17) e todos os itens da subescala *Influência Partilhada* (item 1, 3 e 10) e, o restante item da subescala *Clima Social e Laços* (item 6). Estas duas subescalas referem-se à organização, ajuda, capacidade de fazer algo por parte dos membros da comunidade. Talvez por esse motivo se encontrem na mesma dimensão. O item 6 também aparece aqui reunido, uma vez que o facto de as pessoas serem sociáveis pode contribuir para a organização das mesmas e, ainda, para a ideia de que os outros membros as irão ajudar. Outro motivo explicativo para o item 6 se encontrar nesta dimensão, pode derivar do facto de, na escala original, as subescalas *Ajuda em Caso de Necessidade* e *Clima Social e Laços* pertencerem à dimensão *Ligação Emocional* do modelo proposto por McMillan e Chavis, em 1986.

Assim, tendo em conta os itens encontrados nesta dimensão, um possível nome para a mesma, poderá ser *Interdependência*. É de salientar a este propósito que o reconhecimento da interdependência com os outros é um dos conceitos básicos do SPC, segundo Sarason (1974, cit. por Amaro, 2007).

Portanto, esta dimensão, constituída por 8 itens, pretende reflectir a percepção que um indivíduo tem da ajuda entre vizinhos, da capacidade de resolução dos problemas da sua comunidade, da influência do poder da comunidade.

A Dimensão 3 encontrada corresponde à subescala *Satisfação de Necessidades* da escala original, contendo os mesmos quatro itens (itens 2, 8, 11 e 15). Esta dimensão corresponde à dimensão do modelo de McMillan e Chavis (1986) com o mesmo nome, traduzindo, assim, a percepção do indivíduo de que as necessidades dos membros serão satisfeitas pela comunidade.

O facto de a dimensão *Satisfação de Necessidades* aparecer sempre (em todas as análises factoriais tanto da EMTSC como da EBSC) de forma clara, com os mesmos itens da escala original, pode dever-se à facilidade de operacionalizar esta dimensão por ser uma dimensão mais concreta, mais objectiva no sentido em que as necessidades são satisfeitas ou não, em comparação com os sentimentos e opiniões que se tem dos outros membros da comunidade, como acontece nas outras dimensões.

Analizadas as dimensões, é assim possível responder à primeira questão de investigação. Pode-se, então afirmar que a EMTSC não apresenta as mesmas dimensões que a MTSOCS.

Relativamente à questão de investigação 2: Será que a EBSC e a MTSOCS medem a mesmo constructo? Podemos afirmar que sim. Em relação às suas dimensões, verificou-se uma correlação elevada entre as dimensões de *Satisfação de Necessidades* das duas escalas. Esta correlação forte compreende-se no sentido em que as duas foram construídas com base na dimensão com o mesmo nome do modelo de McMillan e Chavis (1986). Verifica-se também uma correlação bastante elevada entre a dimensão *Companheirismo* da EMTSC e *Envolvimento* da EBSC, uma vez que as duas se referem à percepção dos indivíduos em relação aos relacionamentos/ligações interpessoais que estabelecem na sua comunidade.

4.3. Relação entre o *Sentido Psicológico de Comunidade* e a *Importância da Comunidade*

Em relação à seguinte questão de investigação 3: Será que existe alguma relação significativa entre a *Percepção do Sentido de Comunidade* e a *Importância da comunidade*? Verificou-se uma relação significativa entre estas duas variáveis. Isto significa que, os indivíduos que atribuem importância às relações actuais estabelecidas dentro da sua comunidade geográfica, de um ponto de vista da identidade pessoal e da sua vida social, apresentam um maior SPC, ou que um indivíduo que tenha um elevado SPC atribui uma maior importância à comunidade em termos da sua identidade pessoal e vida social. Esta relação faz todo o sentido pois um indivíduo que dê importância à sua comunidade talvez esteja mais predisposto para participar na mesma, faz um maior esforço de integração do que um indivíduo que não dê importância à sua comunidade. O contrário também é válido: se o indivíduo se encontra satisfeito na sua comunidade, é

natural que atribua uma maior importância a esta na sua identidade pessoal e vida social.

Em relação às dimensões, verificou-se que a *Importância da Comunidade* apresenta a correlação mais significativa com o *Companheirismo*. Isto significa que os indivíduos com um maior sentimento de pertença e mais vínculos na comunidade dão maior importância à comunidade na sua identidade pessoal e na sua vida social ou, vice-versa, isto é, um indivíduo que dê importância à sua comunidade sente que pertence à mesma, e esforça-se por estabelecer laços. O indivíduo sente-se mais integrado, atribuindo uma maior importância a este papel.

O facto de existir uma fraca correlação entre a *Satisfação de Necessidades* e a *Importância da Comunidade* significa que a satisfação das necessidades não contribui tanto para relações sociais e para a identidade pessoal. Esta dimensão apresenta, um carácter utilitário e não relacional como a dimensão *Companheirismo*, pelo que esta última se apresenta mais correlacionada com a *Importância da Comunidade*.

4.4. Relação entre as Variáveis Sócio-demográficas e a Percepção de Sentido Psicológico de Comunidade

Relativamente à resposta à questão de investigação: Será que existe alguma relação significativa entre a *Percepção do Sentido de Comunidade* e as *Variáveis sócio-demográficas*? Verificaram-se algumas relações significativas.

Sempre ter residido no mesmo bairro e Tempo de residência e SPC

Constatou-se que existe uma relação significativa entre o facto de sempre ter residido no mesmo bairro e o maior tempo de residência neste, com valores mais elevados de SPC. Tal é congruente com a maioria dos estudos, que afirmam que, quanto maior o tempo de residência, maior o SPC (Buckner, 1988; Riger & Lavrakas, 1981; Robinson & Wilkinson, 1995 cit. por Hill, 1996). Pode concluir-se que os indivíduos tiveram mais tempo de desenvolver o seu SPC. Apenas a dimensão *Companheirismo* parece ser responsável pela correlação positiva com estas variáveis. A correlação verificada entre o *Tempo de Residência* e esta dimensão, significa que os indivíduos que habitam no bairro há mais tempo possuem um maior *Sentimento de Pertença* e têm mais

laços com outros na sua comunidade. Tal parece fazer sentido, uma vez que os indivíduos têm mais tempo para conhecer os outros membros e para se sentirem mais familiarizados no seu bairro. A relação verificada entre o *Sempre ter vivido no mesmo bairro* e a dimensão *Companheirismo* significa que os indivíduos que cresceram e sempre viveram sempre no mesmo bairro possuem maiores níveis de *Sentimento de Pertença*, e têm mais vínculos com outros membros do bairro. Como justificação, pode pensar-se que esses indivíduos não possuem um conflito de pertença a um determinado local, uma vez que não pertenceram a outro, isto é, não desenvolveram múltiplos sentimentos de pertença como os indivíduos que nem sempre viveram no mesmo bairro. Por exemplo, alguns participantes neste estudo afirmaram não saber a que comunidade geográfica pertenciam, se àquela onde tinham crescido, se àquela em que estudavam (isto para os estudantes que foram estudar para longe das suas residências). Relativamente a possuir mais laços com outros membros, explica-se pelo facto anteriormente já referido, de terem tido mais tempo para formar vínculos com outros.

Nível de Escolaridade e Nível Profissional e SPC

Relativamente às variáveis *Nível de Escolaridade* e *Nível Profissional*, verificou-se que, tanto os indivíduos com baixos níveis de escolaridade como os indivíduos com um nível profissional baixo, apresentam níveis mais elevados na dimensão *Companheirismo*, portanto maiores níveis de *Sentimento de Pertença* e laços na comunidade.

Esta relação entre o *Nível de Escolaridade* e a dimensão *Companheirismo* vai de encontro aos resultados de Prezza e Costantini (1998) que concluíram que, quanto maior for o *Nível de Escolaridade*, menor tenderá a ser o *Sentimento de Pertença* a uma Comunidade Geográfica.

Em relação ao *Nível Profissional*, os resultados obtidos neste estudo não confirmam os resultados de Gonçalves (2009) que verificou uma relação entre o *Nível Profissional* e a dimensão *Satisfação de Necessidades*. Esta diferença pode dever-se à utilização de diferentes instrumentos.

Prezza e Costantini (1998) apresentam uma possível justificação para a correlação verificada entre o *Nível de Escolaridade* e o *Sentimento de Pertença*, afirmando que as pessoas com um maior *Nível de Escolaridade* têm uma maior escolha

e maiores oportunidades de escolherem grupos e comunidades que se baseiam nos mesmos valores em detrimento de uma pertença territorial comum. Estes indivíduos com maior *Nível de Escolaridade* apresentam também um maior *Nível Profissional*. Assim, parece fazer sentido que indivíduos com um maior *Nível de Escolaridade* e um maior *Nível Profissional* apresentem maiores possibilidades de escolha em relação às comunidades a que pertencem, valorizando Comunidades de Interesse a Comunidades Geográficas. Outro factor que pode justificar esta preferência por Comunidades de Interesse é que, muitas vezes, os indivíduos com um elevado *Nível Profissional* trabalham longas horas e longe das suas residências, passando pouco tempo no seu local de residência e, segundo Mak, Cheung e Law (2009), estes factores podem fazer com que se dê mais importância a Comunidades Relacionais, uma vez que o indivíduo não tem muitas oportunidades de estabelecer vínculos com outros no seu bairro.

Número de Actividades realizadas no bairro de residência e SPC

Como foi visto no capítulo 3, a um maior *Número de Actividades realizadas no bairro de residência*, correspondem valores mais elevados de SPC. Isto é, indivíduos que participam na comunidade com um maior número de actividades no seu bairro apresentam um maior SPC. Este facto, vai de encontro aos estudos revistos que relacionam positivamente a participação na comunidade com o SPC (Prezza et al. 2001; Obst. et. al., 2002; Peterson, et. al., 2008; Prezza, et. al., 2009).

O *Número de Actividades* está também positivamente correlacionado com todas as dimensões do SPC (*Companheirismo, Interdependência e Satisfação de Necessidades*). A correlação verificada com a dimensão *Companheirismo*, significa que um indivíduo que participe em diversas actividades no seu local de residência apresenta um maior *Sentimento de Pertença*, visto que se encontra envolvido com a comunidade, explora o seu bairro favorecendo o *Sentimento de Pertença*. O indivíduo que participa nas actividades da sua comunidade possui, igualmente, mais laços, uma vez que, nas actividades em que participa, surge a oportunidade de conhecer e estabelecer vínculos com outros. Esta explicação parece fazer sentido tendo em conta o estudo de Wandersman e Giamartino (1980) que identifica, como factores que favorecem a participação na comunidade, a percepção favorável sobre a interacção com os vizinhos.

A relação observada entre a dimensão *Interdependência* e o *Número de Actividades* significa que os indivíduos que participam num elevado número de actividades no seu bairro têm uma maior percepção da ajuda entre vizinhos, da capacidade de resolução dos problemas da sua comunidade, da influência do poder do grupo nos indivíduos, e da disponibilidade dos vizinhos. Tal, vai de encontro ao afirmado por McMillan e Chavis (1986) ao referirem que a partilha de eventos positivos, como as diversas actividades em que os indivíduos participam, favorece a maior interacção entre vizinhos.

A correlação constatada entre o *Número de Actividades* e a dimensão *Satisfação das Necessidades*, significa que os indivíduos que sentem que são satisfeitas as suas necessidades na comunidade e pensam ter diversos serviços e actividades na comunidade, participam mais nesta, ou, que os indivíduos que participam num maior número de actividades sentem que são satisfeitas as suas necessidades na comunidade.

4.5. Limitações do estudo

Relativamente à discussão dos resultados, há que ter em conta algumas limitações deste estudo. Uma das limitações diz respeito à operacionalização do conceito “comunidade”. Neste estudo, utilizou-se a palavra “bairro” para que os indivíduos, ao responderem, tivessem em consideração uma fronteira definida e concreta. No entanto, muitos indivíduos afirmaram que não viviam num bairro, perguntando se bairro queria dizer freguesia, largo, ou mesmo se era só em relação ao prédio em que habitavam. Portanto, os participantes atribuíram diversos significados à palavra “bairro”. Estas diferenças de significado podem ter tido impacto nos resultados obtidos, uma vez os indivíduos que vêem o seu bairro como mais do que uma rua ou praça (maior *locus* espacial) podem apresentar níveis mais elevados de SPC, segundo Obst, Smith e Zinkiewicz (2002).

Em relação ao que é uma Comunidade Geográfica, seria interessante realizar-se um estudo acerca do que as pessoas entendem pela sua Comunidade Geográfica. E, daí, retirar uma palavra que melhor defina este conceito. Será também interessante perceber as diferenças de significado atribuídas a este conceito e se essas diferenças têm impacto no nível de SPC.

Em relação ao caso específico desta escala, apresenta-se como sugestão a palavra “freguesia” em vez da palavra “bairro”, uma vez que o conceito freguesia já se encontra definido legalmente e é do conhecimento de cada indivíduo.

Em relação ao conceito comunidade, surgiu também outra questão “Qual o meu bairro/comunidade a que pertença?”. Muitos dos estudantes que se encontram a estudar longe da sua antiga residência, ficam indecisos na escolha da sua comunidade geográfica, se aquela em que habitam durante a semana, ou se aquela onde vão no fim-de-semana e onde cresceram. Este factor também pode ter condicionado alguns resultados, dado que uns consideraram o local de residência onde cresceram e outros o local de residência do local onde estudam.

Em relação à classificação do *Nível Profissional*, houve muitas dúvidas, tendo alguns participantes com o mesmo cargo e função respondido ou feito corresponder níveis profissionais distintos. Uma sugestão, neste caso, seria a colocação de exemplos dos grupos profissionais.

5. Conclusão e implicações práticas

O presente estudo pretendeu traduzir e validar a *Multidimensional Territorial Sense of Community Scale* (Prezza, Pacilli, Barbaranelli & Zampatti, 2009) para a população portuguesa. Chegou-se, assim, à *Escala Multidimensional e Territorial de Sentido de Comunidade* (EMTSC) com bons níveis de consistência interna, tanto ao nível da escala total como das dimensões encontradas. Verificou-se que a consistência interna foi mesmo maior na versão portuguesa; no entanto, é de considerar que a EMTSC tinha apenas 19 itens e não os 26 itens da MTSOCS. São igualmente relevantes as modificações sugeridas ao item 3.

Na análise factorial, foram encontradas três dimensões, já outros autores tinham encontrado evidências de um modelo tridimensional (Long & Perkins, 2003; Proescholdbell, Roosa & Nemeroff, 2006; Tartaglia, 2006). No entanto, é de realçar que as dimensões encontradas por estes autores não são semelhantes às encontradas no presente estudo. Em relação à escala original, manteve-se apenas uma das dimensões exactamente com os mesmos itens – a dimensão *Satisfação de Necessidades*. Outra das dimensões encontradas juntou duas sub-escalas da escala original, a dimensão *Estatuto de Membro* e *Clima Social e Laços*, a que se denominou *Companheirismo*. Por fim, surgiu uma dimensão que reuniu as sub-escalas *Ajuda em Caso de Necessidade* e *Influência Partilhada* denominada de *Interdependência*, que continha ainda um item da sub-escala *Clima Social e Laços*. Em relação às dimensões do modelo McMillan e Chavis (1986), que serviram de base à construção da MTSOCS, pode dizer-se que se obteve a dimensão *Satisfação de Necessidades* e a dimensão *Estatuto de Membro* (a que mais tarde McMillan (1996) denominou *Espírito*). Quanto à dimensão *Ligação Emocional*, operacionalizada neste estudo através das sub-escalas *Clima Social e Laços* e *Ajuda em Caso de Necessidade*, não se verificou que tal fizesse sentido. Encontrou-se sim, uma dimensão que reuniu a ideia de clima de suporte, característica da dimensão *Ligação Emocional*, e a influência que todos podem fazer a diferença, característica da dimensão *Influência* do modelo de McMillan e Chavis (1986). A esta junção chamou-se *Interdependência*.

Apesar das diferenças encontradas, podemos dizer que a EMTSC continua a medir o conceito de SPC de McMillan e Chavis (1986). Quanto às dimensões encontradas, não se poderá afirmar que haja em si um constructo tridimensional do

SPC, uma vez que é necessário um estudo de adaptação à cultura portuguesa. Como já foi referido, o SPC pode variar consoante a idiossincrasia de cada cultura e pode ter sido o que aconteceu neste estudo. É necessário pensar-se na cultura portuguesa; para isso, sugere-se a utilização de estudos qualitativos para se tentar compreender o SPC em Portugal. É necessário, ainda, pensar-se numa forma de operacionalizar as dimensões *Influência e Ligação Emocional*.

Esta variabilidade das dimensões encontradas nos diversos estudos pode também dever-se às diferentes influências de outras variáveis de nível individual, comunitário e ambiental. Estas influências podem variar de cultura para cultura. Como se pode verificar neste estudo, só algumas variáveis sócio-demográficas influenciaram o SPC, as variáveis de carácter individual – *Sempre ter residido no mesmo bairro*, *Tempo de residência*, *Nível de Escolaridade* e *Nível Profissional*, e, ao nível comunitário – *Número de Actividades realizadas no bairro de residência*. Propõe-se que se estude a influência de outras variáveis de nível comunitário, tais como as referidas no capítulo 1, *Densidade populacional*, *Existência de Associações*, *Ser proprietário da sua própria casa*. Esta última variável pode ser particularmente interessante no estudo de casas de realojamento, em que os seus habitantes não detêm a posse da sua casa. É necessário pensar-se noutras variáveis de carácter comunitário que influenciem o SPC. Para tal, é necessário analisar as especificidades de cada comunidade e compreender-se que variáveis podem melhorar o SPC.

As variáveis ambientais, tais como o *design* urbano, que não foram estudadas nesta investigação, parecem ter bastante influência no SPC, como foi visto no capítulo 1. Propõe-se que no planeamento urbano se tenha em consideração os aspectos urbanísticos que influenciem este conceito. Assim, serão necessários estudos que relacionem o SPC com esses aspectos. Sugere-se, como outros autores já o fizeram, uma aproximação entre a Psicologia Comunitária e a Psicologia Ambiental. Riger e Lavrakas em 1981 (cit. por Hill, 1996) chegam mesmo a considerar os aspectos urbanísticos como uma dimensão própria do conceito de SPC e Tartaglia (2006) propõe a dimensão *Vinculação ao Local*. Considera-se que o caminho da investigação está em tentar relacionar conceitos como *Satisfação Residencial* com SPC e em estudar a influência dos aspectos urbanísticos sobre o SPC, e não em considerar esses aspectos como uma dimensão do SPC.

Deverá ser dada mais relevância às variáveis de carácter comunitário e ambiental, uma vez que estas são susceptíveis de intervenção e mudança, sendo as variáveis que permitem melhorar o SPC. O conhecimento sobre quais e como essas variáveis influenciam o SPC permitirá que os programas de intervenção comunitária trabalhem com essas variáveis, provocando mudanças no SPC das Comunidades Geográficas. Acresce ainda que o estudo das variáveis a nível individual possibilitará uma melhor compreensão do conceito.

Quanto à *Importância da Comunidade*, verificou-se uma correlação positiva e significativa entre esta e o SPC. Em relação a sua escala de medida a *Escala de Importância de Comunidade* (EIC), sugere-se que, também, tenha em conta os aspectos da dimensão *Satisfação de Necessidades*, em que medida é importante que a comunidade satisfaça as necessidades de todos. A análise da *Importância da Comunidade*, aliada ao SPC, permitirá compreender a pertinência do SPC em Comunidades Geográficas e da intervenção comunitária. Numa sociedade em que, cada vez mais, existem localidades que servem apenas como dormitório, é essencial perceber em que medida estas comunidades continuam a ser importantes e a contribuir para o SPC.

Com a validação da EMTSC, conseguiu-se obter uma escala de SPC que pode constituir, como já foi referido, um instrumento de avaliação da própria intervenção, medido em momentos diferentes da intervenção, como forma de comparação e análise dos efeitos das mudanças efectuadas.

Surge, assim, um instrumento de avaliação de SPC que poderá servir para diversos estudos sobre Comunidades Geográficas: estudos em bairros sociais, nas novas aldeias de condomínios e em comunidades geográficas em que se encontrem imigrantes. Outro estudo de interesse, seria uma comparação entre o SPC do local onde se cresceu e do SPC no local em que se reside. Propõe-se a realização deste estudo devido à questão referida no capítulo anterior, dos indivíduos não saberem que comunidade escolher. Esta questão faz sentido ser estudada em Portugal porque as pessoas parecem encontrar-se ainda muito ligadas ao local onde cresceram; esse local parece fazer parte da sua identidade pessoal, muito facilmente sabemos a origem de cada um. Por exemplo, em eleições políticas, procura-se sempre conhecer a origem do candidato e parece existir uma tendência das pessoas em votar no candidato que pertenceu ou pertence ao local onde residem. Num estudo deste tipo poder-se-ia especular que o SPC seria maior no local de origem uma vez que, segundo Garcia, Giuliani e Wiesenfeld (1999), um

profundo conhecimento da história local é fundamental para a formação e duração do SPC. Muitas vezes, as pessoas conhecem melhor a história do seu local de origem pelo que o SPC poderá ser maior nas comunidades rurais (Prezza & Constantini, 1998; Roussi et. al., 2006; Obst et. al., 2002). Para isso, concorre também o facto de muitos indivíduos se terem deslocado de zonas rurais para zonas urbanas.

Muitos outros estudos poderão ser realizados através desta escala.

Por fim, podemos afirmar que a avaliação do SPC em Comunidades Geográficas é fundamental na intervenção comunitária, funcionando como “diagnóstico” de cada comunidade, em termos do seu bem-estar e qualidade de vida, visto o SPC contribuir para tal. Outra questão fundamental, é que se o SPC estiver presente, segundo Francescato e Ghirelli, 1988 (cit. por Prezza et. al., 1998), é mais provável que, numa sociedade em crise, em que é necessário agir localmente, investir na comunidade, as pessoas se mobilizem e tentem encontrar soluções para os seus problemas, o que só por si justifica o conceito de SPC.

A minha comunidade faz parte de mim

Referências Bibliográficas

- Amaro, J.P. (2007). Sentimento Psicológico de Comunidade: Uma revisão. *Análise Psicológica, 1* (XXV), 25-33.
- Brodsky, A.E. (1996). Resilient single mothers in risky neighborhoods: Negative psychological sense of community. *Journal of Community Psychology, 24* (4), 347–363.
- Brodsky, A.E., O’Campo, P.J., & Aronson, R.E. (1999). PSOC in community context: Multi-level correlates of a measure of psychological sense of community in low-income, urban neighborhoods. *Journal of Community Psychology, 27*(6), 659–679.
- Child, D. (2006). *The essentials of factor analysis* (3th ed.). London-New York: Continuum.
- Chipuer, H., & Pretty, G. (1999). A review of the sense of community index: Current uses, factor structure, reliability, and further development. *Journal of Community Psychology, 27*, 643-658.
- Davidson, W., & Cotter, P. (1991). The relationship between sense of community and subjective well- being: A first look. *Journal of Community Psychology, 19*, 246-253.
- Garcia, I., Giuliani, F. & Wiesenfeld, E. (1999). Community and sense of community: The case of urban barrio in Caracas. *Journal of Community Psychology, 27*, 727-740.
- Gardner, G.T. & Stern, P.C. (2002). *Environmental problems and human behavior* (2th ed.). Boston, M.A: Pearson Custom Publishing.

- Gifford, R. (2007). *Environmental psychology: Principles and practice*. Colville, WA: Optimal Books.
- Gonçalves, A.C. (2009). *O Sentido de Comunidade, o Suporte Social Percebido e a Satisfação com a Vida*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Hill, J.L. (1996). Psychological Sense of Community: Suggestions for future research. *Journal of Community Psychology*, 24, 431-438.
- Hill, M. M. & Hill, A. (2005). *Investigação por questionário* (2ªed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Kim, J. & Kaplan, R. (2004). Physical and psychological factors in Sense of Community: New Urbanist Kentlands and Nearby. *Environment and Behavior*, 36; 313.
- Kingston, S., Mitchell, R., Florin, P. & Stevenson, J. (1999). Sense of Community in neighborhoods as a multi-level construct. *Journal of Community Psychology*, 27, 681-694.
- Long, D.A & Perkins, D.D. (2003). Confirmatory factor analysis of the Sense of Community Index and development of a Brief SCI. *Journal of Community Psychology*, 31, 279-296.
- Mak, W. W.S., Cheung, R. Y. M.& Law, L. S.C. (2009). Sense of Community in Hong Kong: Relations with community-level characteristics and residents' well-being. *Journal of Community Psychology*, 44, 80-92.
- Mannarini, T., Tartaglia, S., Fedi, A., & Greganti, K. (2006). Image of neighborhood, self-image and sense of community. *Journal of Environmental Psychology*, 26(3), 202-214.

- Marante, L. (no prelo). Dissertação de Mestrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.
- Maroco, J.(2007). *Análise estatística – Com utilização do SPSS* (3ªed). Lisboa: Edições Sílabo.
- McMillan, D. (1996). Sense of community. *Journal of Community Psychology*, 24, 315-326.
- McMillan, W.D., & Chavis, M.D. (1986). Sense of community: A definition and theory. *Journal of Community Psychology*, 14, 6–22.
- Obst, P., Smith, S. G., & Zinkiewicz, L. (2002). An exploration of sense of community, part 3: dimensions and predictors of psychological sense of community in geographical communities. *Journal of community psychology*, 30, 119-133.
- Obst, P.L. & White, K.M. (2007). Choosing to belong: the influence of choice on social identification and psychological sense of community. *Journal of Community Psychology*, 35, 77-90.
- Pestana, M. H. & Gageiro, J.N. (2000). *Análise de dados para ciências sociais – A complementariedade do SPSS* (2ªed.). Lisboa: Edições sílabo.
- Peterson, N.A., Speer, P.W., & Hughey, J. (2006). Measuring sense of community: a methodological interpretation of the factor structure debate. *Journal of Community Psychology*, 34(4), 453-469.
- Peterson, N.A., Speer, P.W., & McMillan, D.W. (2008). Validation of a Brief Sense of Community Scale: Confirmation of the principal theory of Sense of Community. *Journal of Community Psychology*, 36, 61-73.
- Prezza, M., Amici, M., Roberti, T., & Tedeschi G. (2001). Sense of community referred to the whole town: Its relations with neighboring, loneliness, life satisfaction and area of residence. *Journal of Community Psychology*, 29, 25–52.

- Prezza, M. & Costantini, S. (1998). Sense of Community and Life Satisfaction: Investigation in three different territorial contexts. *Journal of Community and Applied Social Psychology*, 8, 181-194.
- Prezza, M., Costantini, S., Chiarolanza, V., & Di Marco, S. (1999). La Scala italiana del senso di comunità [The Italian Sense of Community Scale]. *Psicologia della Salute*, 3-4, 135-159.
- Prezza, M., Pacilli, M.G., Barbaranelli, C. & Zampatti, E. (2009). The MTSOCS: A Multidimensional Sense Of Community Scale For Local Communities. *Journal of Community Psychology*, 37, 305-326.
- Proescholdbell, R.J., Roosa, M.W., & Nemeroff, C.J. (2006). Component measure of psychological sense of community among gay men. *Journal of Community Psychology*, 34, 9-24.
- Sonn, C. C., Bishop, B. J. & Drew, N. M. (1999). Sense of community: Issues and considerations from a cross-cultural perspective. *Community, Work & Family*, 2, 205-218.
- Tartaglia, S. (2006). A preliminary study for a new model of Sense of Community. *Journal of Community Psychology*, 34, 25-36.
- Roussi, P., Rapti, F., & Kiosseoglou, G. (2006). Coping and psychological sense of community: an exploratory study of urban and rural areas in Greece. *Anxiety, Stress, and Coping*, 19 (June), 161-174.
- Vidal, A.S. (1991). *Psicología comunitaria: Bases conceptuales y operativas – métodos de intervención*. Barcelona: PPU.
- Wandersman, A., & Giamartino, G. (1980). Community and individual difference characteristics as influences on initial participation. *American Journal of Community Psychology*, 8(2), 217-228.

ANEXOS



ANEXO I

Questionário Sócio-demográfico

Solicitamos a sua colaboração para responder às questões que se seguem, salientando que **não existem respostas correctas ou erradas**, o que interessa é o que pensa e sente realmente. Todas as respostas são **anónimas**.

É muito importante que leia atentamente e **responda individualmente a todas as questões de todos os grupos**. Deixar questões em branco inutiliza todos os questionários. Agradecemos a sua colaboração!

1. Idade: _____

2. Sexo: Feminino ☐ Masculino ☐

3. Nacionalidade: _____

4. Estado Civil: Solteiro ☐ União de Facto ☐ Casado ☐ Separado ☐ Divorciado ☐ Viúvo ☐

5. Indique o nível de escolaridade mais elevado que completou:

☐ Menos que o 4º ano

☐ 9º ano ou equivalente

☐ 4º ano

☐ 12º ano ou equivalente

☐ Mestr. /Dout.

☐ Menos que o 9º ano

☐ Ensino superior

6. O seu agregado familiar é constituído por quantos elementos? _____

7. Quantos filhos tem? _____

7.1. Se respondeu como tendo filhos, indique o **nº de filhos** que vivem consigo: _____

8. Indique o grupo onde se enquadra a sua profissão. Caso esteja desempregado ou dependa financeiramente de alguém assinale em baixo.

☐ Grupo 1 (Quadros Superiores de Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas).

☐ Grupo 2 (Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas).

☐ Grupo 3 (Técnicos e Profissionais de Nível Médio).

☐ Grupo 4 (Pessoal Administrativo e Similares).

☐ Grupo 5 (Pessoal dos Serviços e Vendedores).

☐ Grupo 6 (Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pesca).

☐ Grupo 7 (Operários, Artífices e Trabalhadores Similares).

☐ Grupo 8 (Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores de Montagem).

☐ Grupo 9 (Trabalhadores Não Qualificados).

☐ Desempregado

☐ Doméstica

☐ Estudante

9. Indique a zona do país em que reside.

☐ Norte

☐ Grande Lisboa

☐ Centro

☐ Sul

☐ Arquipélagos

10. Sempre residiu no bairro onde vive actualmente? Sim ☐ Não ☐

10.1. Se respondeu não, há quanto tempo reside? _____

10.2. Trabalha/estuda no bairro onde reside? Sim ☐ Não ☐

11. Em que actividades participa no seu bairro?

☐ Voluntariado

☐ Actividades Desportivas

☐ Escuteiros

☐ Actividades relacionadas com a sua religião

☐ Actividades de lazer

☐ Actividades Comunitárias

☐ Outra(s). Qual (ais)? _____

☐ Nenhuma

ANEXO II - Análise dos itens da EMTSC

	Média	Desvio-padrão	Média da Escala se o Item for eliminado	Variância da Escala se o Item for retirado	Correlação Item-total corrigida	Alfa de Cronbach se o Item for eliminado
Item 1	2,81	,634	48,69	53,073	,399	,887
Item 2	2,68	,696	48,82	52,361	,429	,886
Item 3	2,68	,654	48,82	53,904	,295	,890
Item 4	2,93	,609	48,57	50,923	,675	,879
Item 5	2,82	,708	48,68	50,286	,636	,880
Item 6	2,87	,587	48,63	52,091	,559	,883
Item 7	2,65	,810	48,84	49,275	,636	,879
Item 8	2,41	,784	49,09	51,663	,434	,887
Item 9	2,66	,680	48,83	51,863	,494	,884
Item 10	2,82	,629	48,68	52,429	,476	,885
Item 11	2,47	,719	49,02	51,261	,523	,883
Item 12	2,98	,672	48,52	51,536	,536	,883
Item 13	2,61	,704	48,89	50,435	,623	,880
Item 14	2,86	,530	48,64	53,566	,428	,886
Item 15	2,45	,712	49,04	51,470	,508	,884
Item 16	2,75	,598	48,74	51,953	,563	,882
Item 17	2,66	,567	48,84	52,631	,512	,884
Item 18	2,63	,826	48,87	50,287	,529	,883
Item 19	2,74	,864	48,76	49,822	,541	,883

ANEXO III – Análise Factorial Exploratória da EBSC

Análise Factorial Exploratória da EBSC após rotação *Varimax*, e as suas Comunalidades

Itens	Após rotação Componentes		Comunalidades
	1	2	
1	,120	,933	,884
2	,131	,934	,889
3	,851	,228	,776
4	,781	,243	,669
5	,653	,299	,515
6	,468	-,094	,227
7	,815	,163	,691
8	,822	,051	,678

ANEXO IV – Análise dos itens da EBSC

Itens	Média da Escala se o Item for eliminado	Variância da Escala se o Item for retirado	Alfa de Cronbach se o Item for eliminado
1	19,47	12,422	,825
2	19,54	12,450	,822
3	19,47	11,393	,785
4	19,46	11,573	,795
5	19,46	12,393	,806
6	19,87	13,554	,846
7	19,50	11,661	,794
8	19,38	12,038	,802

ANEXO V – Análise da EIC

Médias desvios e mínimos e máximos da EIC (N=211)

Itens	Média	Desvio-padrão	Mínimo -Máximo
Totais	2,45	,744	1,00 - 4,00
1	2,46	,824	1,00 - 4,00
2	2,44	,862	1,00 - 4,00

Análise dos itens da EIC

Itens	Média da Escala se o Item for eliminado	Variância da Escala se o Item for retirado	Correlação Item-total corrigida
1	2,44	,742	,559
2	2,46	,678	,559